

Sessões de 8 de março de 1938 dos Processos de Moscou, na íntegra

O assassinato de Máximo Gorki (I)

(publicado no jornal *Hora do Povo*, na edição de 3 Fevereiro de 2006)

No dia 18 de junho de 1936 falecia Máximo Gorki, glória da literatura russa, vítima de envenenamento criminoso ordenado pela direção do “bloco direita-trotskista” e organizado pelo então presidente da GPU, Genrikh Yagoda. O assassinato de Gorki foi descrito e analisado, detalhadamente, nas duas sessões do dia 8 de março de 1938 do Colégio Militar da Corte Suprema da URSS, conforme as transcrições das atas dos “Processos de Moscou”, que publicamos sem cortes, em primeira mão, no Brasil, para os leitores da Hora do Povo.

Além do assassinato de Gorki, as duas sessões do tribunal, realizadas naquela data, enfocam também o de seu filho Max Pechkov; o de Menjinski, que antecedeu Yagoda na presidência da GPU; o de Kouibyshev, membro do Burô Político do PCUS; o atentado contra Kirov, chefe da seção Leningrado do PCUS, bem como as motivações dos criminosos e seus vínculos com os serviços secretos das potências estrangeiras, particularmente com os facistas alemães.

As atas dos “Processos de Moscou” foram trazidas ao Brasil, em sua íntegra, pelo nosso inesquecível camarada Claudio Campos, secretário-geral do MR8, que teve acesso a elas, pela primeira vez, através de pesquisa realizada na biblioteca do Instituto Maurice Thorez, em Paris.

Durante anos, o camarada Cláudio e outros dirigentes do nosso movimento estudaram minuciosamente esses documentos e firmaram a convicção de que não se pode avaliar em profundidade o processo de construção do socialismo na URSS e o significado das lutas que ele engendrou sem o conhecimento do conteúdo dessas atas.

A primeira coisa que salta aos olhos, através de sua leitura, é a de que não há qualquer possibilidade de que os confrontos da promotoria com os acusados e destes entre si, em audiências públicas, tenham sido objeto de uma encenação. Essa versão disseminada, após a Segunda Guerra Mundial, por escritores a soldo da CIA, do MI-5 e por trotskistas desavisados ou não revela-se insustentável e mesmo pueril quando cotejada com as atas dos processos.

Nos cadernos especiais que publicamos nesta e na próxima edição do HP, damos uma mostra desse fato. Em edições seguintes, iremos revelando o vasto e elucidativo conteúdo das atas, em sua íntegra.

O texto referente às sessões de 8 de março de 1938, foi traduzido pelo camarada Valério Bemfica. (SR)

SESSÃO MATUTINA DE 8 DE MARÇO DE 1938

Oficial da Corte – A Corte! Todos de pé, por favor.

Presidente – Podem sentar-se. A audiência continua. Passemos ao interrogatório do acusado Levine. Acusado Levine, o senhor confirma as declarações feitas durante a instrução prévia?

Levine – Confirmo.

Presidente – Camarada Procurador, o senhor tem alguma pergunta?

Vychinski – Sim, ainda tenho algumas questões. Acusado Levine, conte-nos em que momento e sob quais circunstâncias o senhor conheceu Yagoda, e quais foram os resultados da sua intimidade com ele.

Levine – O começo de minhas relações com Yagoda remonta a, aproximadamente, 1920. Eu tratava, então, de Dzerjinski, Menjinski, hoje já falecidos. Eu via Yagoda eventualmente, e também o tratava. Nossos encontros tornaram-se mais freqüentes em torno de 1928, com a chegada de A. M. Gorki a Moscou. Todos sabem que, desde a sua juventude, A. M. Gorki sofria de uma forma muito grave de tuberculose. Antes da Revolução e depois da Revolução, a partir de 1921, ele havia vivido alguns anos na Itália. Durante esses anos A. M. Gorki sentia grandes saudades da URSS; a grande distância da URSS e a impossibilidade de receber notícias freqüentes pesavam-lhe enormemente. Ele começou a falar cada vez mais da necessidade de retornar. Como o estado de sua saúde não lhe permitia voltar em definitivo, ele tomou a decisão de vir à URSS periodicamente. Depois de 1928, ele veio a Moscou nos meses de verão, já que as condições climáticas dos arredores da cidade são relativamente favoráveis aos doentes dos pulmões e do coração, quando na Itália, ao contrário, faz muito calor nessa época. A partir daquele ano ele esteve por aqui no verão e retornou à Itália no inverno. Havia sido decidido que na Itália ele ficaria sob os cuidados de um médico soviético. Sendo eu considerado seu Médico de Família, fui encarregado de escolher um grupo de médicos e de professores que dividissem entre eles esse semestre em três períodos de dois meses; assim, cada um deles permaneceria dois meses na Itália e não seria afastado em definitivo do trabalho que fazia aqui. De tal grupo faziam parte vários médicos de Leningrado, de Moscou e eu mesmo. Todas as vezes eu o acompanhava em sua partida da Itália, chegava com ele a Moscou e o despachava para casa, na qualidade de Médico de Família. Os outros cumpriam seus papéis. Durante os períodos de Gorki em Moscou, eu ia vê-lo freqüentemente, como Médico de Família. Ele morava nos arredores de Moscou. Eu passava a noite em sua casa, mesmo quando ele não precisava nada de urgente. Nesta época Yagoda era também freqüentador da casa. Nos encontrávamos lá amiúde. As relações entre nós estabeleceram-se não como médico e paciente, mas como pessoas conhecidas. A esta altura tornaram-se mais freqüentes também minhas visitas a Yagoda, em sua casa ou na sua casa de campo, pois em torno de 1930, se não me engano, sua mulher – Averbach – estava seguidamente enferma; atacada por uma doença crônica, ela tinha seguidas crises, devido ao tipo mesmo de seu mal. Durante tais crises ele chegava a me levar à sua casa todos os dias, sozinho ou acompanhado de um dos médicos do serviço de saúde da GPU, ou até mesmo do falecido cirurgião (feu) Rozanov, que, como médico, era freqüentador desta casa. Foi assim que nossas relações se estreitaram cada vez mais. Devo dizer que Yagoda comportava-se muito bem diante de mim, dando-me diversas provas de estima. Falando francamente, isso não me parecia nada de extraordinário, pois nós, médicos, vemos muito amiúde os pacientes desejarem nos agradecer de uma maneira ou de outra, demonstrarem sua consideração. Em uma palavra, não via nisso nada de surpreendente ou incompreensível para mim. Sua consideração me lisonjeava.

Vychinski – E como se exprimia esta atenção?

Levine – Bom, por exemplo: ele tinha umas flores maravilhosas, uma estufa, e ele me enviava flores, enviava também excelentes vinhos franceses. Um dia ele me deu um presente que, para mim, foi muito precioso: ele me destinou, com exclusividade, nos

arredores de Moscou, uma casa de campo onde, durante cinco ou seis anos, passei o verão com minha família.

Vychinski – Ele mandou construir uma casa de campo para o senhor?

Levine – Não, ele destinou uma exclusiva...

Vychinski – Quer dizer que ele lhe deu de presente uma casa de campo?

Levine – Sim, eu considerarei aquilo como um presente.

Vychinski – Yagoda ofereceu seus préstimos em suas viagens ao estrangeiro, liberando o senhor das formalidades alfandegárias?

Levine – Sim, ele fazia saber à Aduana que eles podiam me deixar passar, quando eu retornava do exterior, sem inspecionar minha bagagem.

Vychinski – E como o senhor aproveitava isso?

Levine – Eu trazia roupas para minha esposa, para minhas noras, diversos objetos para crianças, para senhoras, trazia pequenos presentes para os colegas...

Vychinski – Em uma palavra, o senhor trazia tudo o que queria sem pagar o imposto de importação, sem pagar as taxas alfandegárias?

Levine – Sim, mas não eram objetos preciosos.

Vychinski – Evidentemente, o senhor não fazia comércio de objetos preciosos.

Levine – Eu os trazia para meus parentes próximos.

Vychinski – Eu compreendo: para o senhor mesmo, seus parentes próximos, seus amigos, seus conhecidos.

Levine – É a mesma coisa.

Vychinski – E isso durou quanto tempo?

Levine – Em 1934 eu ainda estive no exterior.

Vychinski – E esta atenção “especial”, quando o senhor acha que começou?

Levine – A partir da minha primeira viagem com Alexei Maximovitch, em 1928 ou 1929, e até pouco tempo atrás.

Vychinski – Bom, e depois? O senhor considerava tudo isso como sinais normais de atenção? Em geral é assim que os pacientes expressam sua consideração aos médicos?

Levine – O senhor provavelmente sabe que não.

Vychinski – Nem com viagens ao exterior, nem com presentes, nem com uma casa de campo, nem com o imposto de importação ou as taxas de aduana?

Levine – É evidente que não.

Vychinski – Assim então, o senhor considerava a coisa como normal?

Levine – Para ele era provavelmente normal.

Vychinski – E para o senhor?

Levine – Para mim não era, evidentemente, uma coisa normal.

Vychinski – Sendo assim, o senhor não se perguntou qual o motivo de tanta atenção?

Levine – Eu nem pensei nisso, pois avalei que, para ele, a coisa não tinha muita importância. Considerando sua posição, não era grande coisa.

Vychinski – Mas considerando a posição do senhor, era normal?

Levine – É evidente que não, que não era uma coisa normal. Mas tampouco se tratava de um paciente normal.

Vychinski – Então um paciente especial testemunhava-lhe uma atenção especial?

Levine – Isso, isso, evidente.

Vychinski – Diga-nos, por favor, qual foi o resultado de tudo isso?

Levine – Para um paciente normal é difícil dar um presente, visto que...

Vychinski – Perdão, mas devo interromper-lhe mais uma vez. Quando lhe dispensavam de qualquer tipo de inspeção aduaneira, o senhor considerava tal prática como natural e legal?

Levine – Eu não considerava como normal e legal, mas sabia que era uma prática corrente.

Vychinski – Prática corrente de quem e aonde, o senhor sabe?

Levine – Sei que várias pessoas se beneficiam de passaportes diplomáticos, etc.

Vychinski – Então o senhor se considerava um diplomata?

Levine – Não, claro que não me considerava como tal.

Vychinski – O senhor compreende que se aproveitou de uma grave infração às leis soviéticas e que aceitou tal violação de forma interesseira?

Levine – Sim, eu compreendo. Mas devo dizer que o prejuízo causado ao Estado foi muito pequeno: eu trazia algumas gravatas, bagatelas.

Vychinski – Mas os pequenos prejuízos freqüentemente repetidos fazem um grande prejuízo. Além disso, é assim que todos os criminosos justificam seus crimes. Mesmo aquele que rouba um milhão de rublos-ouro pode dizer que para um Estado tão poderoso, tão rico como o nosso, o prejuízo causado ao Estado não é muito grande.

Levine – Permita-me continuar seu pensamento e calcular em dinheiro o que a Aduana deveria ter arrecadado. Obteremos uma soma pequena.

Vychinski – Até agora o senhor não compreendeu a gravidade de seu crime?

Levine – Sim, sim, é claro que compreendi.

Vychinski – Então continue com suas explicações.

Levine – Devo confessar que uma tal atenção realmente me lisonjeava. Era uma atenção revelada pelo dirigente de um organismo como a GPU. Eu via como um reconhecimento justo e um testemunho da confiança que me demonstrava o dirigente daquela instituição. Nunca me veio à mente o que eu vejo agora.

Vychinski – Mas depois lhe veio à mente.

Levine – Sim.

Vychinski – Como isso se passou?

Levine – Em 1932 Alexei Maximovitch havia decidido instalar-se definitivamente em Moscou, com toda a sua família. No começo de 1933, quando de uma visita minha a Yagoda, à sua casa de campo, durante uma caminhada ele tratou comigo de um assunto ao qual ele voltaria muitas vezes depois, um assunto sobre o filho de Gorki, Máximo Alexeievitch Pechkov. Ele me disse que estava descontente com seu modo de vida, com sua conduta. Estava descontente de não vê-lo interessado por nenhum trabalho, de não vê-lo fazer nada. Ele estava descontente de vê-lo abusar das bebidas alcoólicas. Mas era um assunto que correspondia mais ou menos à realidade: naquela época M. A. Pechkov, pai de dois filhos, não tinha nenhum trabalho fixo, nenhuma ocupação obrigatória, precisa; simplesmente ele vivia na casa de seu pai. De sorte que suas palavras não apontavam então para nenhuma suspeita grave. Durante uma destas conversas, Yagoda disse: Veja você, Max (era assim que ele o chamava), não é simplesmente um homem que não serve para nada, ele exerce sobre seu pai uma influência nefasta. Seu pai o ama, e ele se aproveita para criar um ambiente indesejável e nocivo na casa de Alexei Maximovitch. É necessário descartá-lo. É preciso fazer com que ele pereça.

Vychinski – Quer dizer?

Levine – Fazê-lo morrer.

Vychinski – Ou seja, matá-lo?

Levine – Isso mesmo.

Vychinski – E Yagoda, então, propôs ao senhor que o fizesse?

Levine – Ele disse: “Você deve nos ajudar nisso”. É desnecessário que eu descreva aqui minha sensação psicológica, o terror que eu senti escutando estas palavras – penso que isso é bastante compreensível, meu transtorno é interminável. Passaram-se já seis anos, de maneira que não posso garantir as palavras exatas da narração, mas simplesmente seu conteúdo. Ele falou a seguir: O senhor sabe quem está lhe falando, o dirigente de qual instituição? O senhor sabe que defendo a política do partido e a vida dos principais dirigentes do partido e do governo, assim como a vida e a atividade de Gorki; no momento em que se faz necessário, no interesse dele, livrar-se de seu filho, você não deve furtar-se ao sacrifício.

Vychinski – Foi assim que ele justificou a coisa?

Levine – Sim.

Vychinski – E que pensou o senhor?

Levine – Eu não pensei nada. Ele me disse: por enquanto não faça nada, reflita em casa, e dentro de alguns dias eu o convocarei.

Vychinski – Em que o senhor deveria refletir?

Levine – Se eu aceitava ou não.

Vychinski – E ainda, refletir em que mais?

Levine – Nos meios de execução. Ele disse: “Não se esqueça que o senhor não pode não me obedecer; o senhor não me escapará. A partir do momento em que eu lhe confiei esta questão, do momento em que o senhor soube deste assunto deve avaliá-lo e executá-lo. O senhor não pode contá-lo a ninguém. Ninguém acreditará no senhor. É em mim que acreditarão. Não vacile, execute. Reflita bem sobre como pode fazê-lo e quem poderá envolver. Dentro de alguns dias eu o chamarei.” Ele repetiu ainda uma vez que a não execução do que ele me pedia seria minha perdição, minha e de minha família. Considerei que não tinha outra saída, que deveria submeter-me a ele. Naturalmente, quando olho à distância, quando hoje olho para 1932, quando vejo a que ponto Yagoda me parecia, a mim, sem partido, a que ponto ele me parecia todo-poderoso, é evidente que me muito difícil furtar-me de suas ameaças, de suas injunções.

Vychinski – E você tentou furtar-se?

Levine – Eu tentei, na minha consciência.

Vychinski – Na sua consciência, mas não houve resposta da sua parte?

Levine – Não.

Vychinski – O senhor tentou protestar, contar para alguém, informar alguém?

Levine – Não, não fiz nada disso, não tentei me desvencilhar. Não disse nada a ninguém e me decidi. Quando me decidi, fui encontrá-lo. Yagoda me disse: “Será difícil para o senhor conseguir sozinho. Em quem o senhor pensou para ajudá-lo?” Eu lhe respondi que em geral introduzir um novo médico na casa de Gorki era muito difícil, que eles não gostavam. Mas havia um médico que visitara Gorki durante uma de minhas férias, era o doutor A. I. Vinogradov, do Serviço de Saúde da GPU. Krioutchkov o conhecia bem. Foi ele que, se não me engano, trouxe Vinogradov (Krioutchkov era o secretário permanente de Gorki). Eu disse que era imprescindível fazê-lo participar da ação. Disse também que se fosse preciso ainda recorrer a algum dos consultores, o único deles que freqüentava a casa era o professor Dmitri Dimitrievitch Pletnev. Não falei dele então como um auxiliar realmente, disse apenas que se a doença exigisse a presença de um consultor a única pessoa que poderia se apresentar na casa era D. D. Pletnev. Assim passou-se o ano de 1933. Ele me apressava.

Vychinski – Ele quem?

Levine – Yagoda. Naquela época uma nova idéia tinha germinado em sua mente. Quando me encontrava, Yagoda perguntava sempre sobre o estado de saúde de Viatcheslav Roudolphovitch Menjinski, então presidente da GPU e que estava gravemente doente. Yagoda era vice-presidente da GPU. É preciso dizer que Menjinski, desde os primeiros anos da Revolução, era meu cliente fixo. Em 1926 ele sofrera um ataque muito grave de angina de peito. Desde então sua saúde permaneceu abalada, e ele tinha seguidas crises. No estado em que ele se encontrava eu não podia prestar-lhe grande ajuda, como tampouco poderia qualquer outro terapeuta. E, como o sofrimento era constante, ele começou a procurar por milagres. Nesse tempo um dos milagres era o “myol”, uma preparação do doutor Schwartzmann, que ele dizia ser imbatível contra a angina de peito. Fizeram vir Schwartzmann de Odessa, e ele produziu, durante certo tempo, uma boa impressão sobre Menjinski. Depois veio a decepção. Em seguida ele ouviu sobre a propaganda que se fazia sobre Ignati Nicolaievitch Kazakov, e ele (Menjinski) procurou Kazakov. Por volta de 1932 Menjinski tornou-se cliente permanente de Kazakov. Não somente tornou-se seu cliente como alimentava sua fama, ele fazia parte de um pequeno número de pessoas que tinham a impressão que Kazakov os ajudava tremendamente. E o barulho em torno de Kazakov, as contínuas discussões sobre seu nome, em Moscou, tiveram por resultado que no Conselho dos Comissários do Povo teve lugar uma sessão especialmente consagrada aos métodos de

tratamento preconizados por Kazakov, sessão à qual assistiu Menjinski que, também lá, defendeu o renome de Kazakov.

Vychinski – As sessões que aconteceram nos órgãos de Estado não têm nada a ver com a questão presente.

Levine – Eu falo da sessão na qual foi examinada a questão dos lisados de Kazakov.

Vychinski – Conte-nos então o que Yagoda disse de concreto ao senhor a propósito de Menjinski.

Levine – A essa questão eu respondi logo a Yagoda.

Vychinski – A qual questão?

Levine – Por diversas vezes ele me perguntou pela saúde de Menjinski, e em outubro ou em novembro, ele de novo me questionou: “Como vai a saúde de Menjinski?” Respondi que, segundo minhas informações, ele estava muito mal. Mas ele me disse: “Qual a vantagem de arrastar isso por mais tempo? É um homem condenado?”. Ele era, com efeito, considerado como um doente quase que sem esperanças, quanto à recuperação de sua capacidade de trabalho.

Vychinski – O senhor disse a Yagoda que Menjinski poderia lutar contra a morte por um prazo indeterminado?

Levine – Perdão, não ouvi sua pergunta.

Vychinski – Eu perguntei: à questão de Yagoda sobre o estado de saúde de Menjinski, o senhor não lhe informou que Menjinski poderia ainda lutar por um período de tempo indeterminado?

Levine – Sim, certamente.

Vychinski – E o que Yagoda lhe respondeu?

Levine – Ele me disse: “Segundo as minhas informações ele é um morto-vivo”.

Vychinski – Ele não disse, de outra maneira: “Qual a vantagem?”

Levine – Disse.

Vychinski – E ele não disse que era preciso apressar isso?

Levine – Disse. Eu chego lá. Estava dizendo que, desde 1932 ele era um fervoroso adepto do doutor Kazakov, e que se a questão se coloca assim...

Vychinski – Fale francamente, não se intimide.

Levine – Estou falando francamente.

Vychinski – Yagoda não lhe disse que era necessário matar Menjinski?

Levine – Disse.

Vychinski – E então, o senhor disse a ele quem deveria ser recrutado para isso?

Levine – O doutor Kazakov.

Vychinski – O senhor chamou Kazakov para que? Para tratar ou para assassinar?

Levine – Para a segunda dessas coisas.

Vychinski – E por que justamente Kazakov?

Levine – Ele tratava à base de lisados. Ora, esses lisados Kazakov os preparava em casa, no seu laboratório.

Vychinski – Então ele podia preparar tudo o que ele quisesse?

Levine – Ele podia preparar lisados que, ao invés de fazer bem, fizessem mal.

Vychinski – Ou seja, venenos.

Levine – Perfeitamente. Sobre isso falei com Yagoda: “Como há interrupções, pausas no tratamento, que durante elas eu visito Viatcheslav Roudolphovitch Menjinski, posso combinar os lisados com um cardiopático qualquer que, combinado aos lisados, poderia ser nocivo”.

Vychinski – O senhor explicou isso a Yagoda?

Levine – Sim, a Yagoda.

Vychinski – E Yagoda, o que disse?

Levine – Ele me disse que falaria com Kazakov e lhe daria as instruções necessárias. Quando encontrei Kazakov, no final de 1933, soube que Yagoda o havia chamado para um

encontro; ele sabia o que tinha de fazer e me explicaria como seriam preparados os lisados. Ele me perguntou quais cardiopáticos eu iria receitar quando de minha visita.

Vychinski – Acusado Kazakov, o senhor confirma as declarações que Levine acaba de fazer?

Kazakov – No essencial sim.

Vychinski – O senhor confirma que Levine conversou com o senhor?

Kazakov – Sim.

Vychinski – O que ele lhe disse exatamente?

Kazakov – Estive com Levine três vezes e, aos poucos, ele acabou me recrutando. Nós tivemos um encontro em maio, um outro em junho e, finalmente, um outro em outubro.

Vychinski – De que ano?

Kazakov – De 1933.

Vychinski – Então, em 1933, houve três encontros?

Kazakov – Três.

Vychinski – Durante seu primeiro encontro, em maio, sobre o que os senhores conversaram?

Kazakov – Ele expressou-me sua simpatia; disse que eu estava isolado entre os médicos, que os outros médicos me atacavam e que eu me encontrava em uma situação bastante delicada. Ele me recomendava aproximar-me mais dos outros médicos e acrescentou: “Tenho um assunto particular para tratar com o senhor”. Perguntei: “Sobre o que?” Ele respondeu: “Sobre a saúde de Menjinski”.

Vychinski – Ele recomendou que o senhor se aproximasse de algum médico em especial ou dos médicos em geral.

Kazakov – Eu me mantinha afastado, pois a luta estava encarniçada.

Vychinski – E Levine expressou simpatia ao senhor?

Kazakov – Durante a conversa de maio ele me disse: “É em vão que o senhor enfrenta as dificuldades do tratamento de Menjinski, ele é um morto-vivo”. Eu era da opinião de que Menjinski desenvolvia uma infecção bacteriana e que ela iria evoluir. Levine não se pôs de acordo comigo, e o resultado é que fui afastado. Eu lhe disse, de forma contundente, que não estava contente com a sua conduta em relação a mim. Ele me respondeu: “Sobre este assunto falaremos em particular”. É verdade que esta sua resposta cínica, de que Menjinski era um morto-vivo, que não valia a pena incomodar-se por ele me revoltara.

Vychinski – Por que ela revoltou o senhor?

Kazakov – Porque era cínica. Eu sabia que Menjinski, quando tinha seguido meu tratamento, havia se recuperado.

Vychinski – Em resumo, a declaração dele pareceu cínica ao senhor?

Kazakov – Evidentemente. Assim que ele tinha uma melhora eu era afastado.

Vychinski – Quem o afastava?

Kazakov – Levine. Em 5 de março, de novo me apresentei e de novo fui dispensado, até o mês de junho. Reclamei com ele.

Vychinski – E o que ele respondeu?

Kazakov – Ele? Como sempre, com um leve sorriso...

Vychinski – E depois?

Kazakov – Eu o encontrei em junho. Ele ponderou que eu tinha razão quando fiz meu diagnóstico sobre a infecção que Menjinski desenvolvia como consequência da gripe. Um grupo de médicos presentes declarou não ter nada a objetar a que me fosse confiado o seu tratamento.

Vychinski – O senhor demora-se muito nos comentários. Nós ainda o interrogaremos à parte. Por hora conte-nos brevemente em que consistiu o segundo encontro.

Kazakov – Ele me disse: “Eu não me oponho a que o senhor comece a tratar Menjinski...”

Vychinski – Em uma palavra, ele deixou o senhor aproximar-se?

Kazakov – Sim. Comecei a tratar de Menjinski.

Vychinski – E isto não o espantou?
Kazakov – Ele me havia dito uma frase: “Acho que o senhor me entendeu.”
Vychinski – E o senhor o havia entendido?
Kazakov – Eu não tinha entendido nada.
Vychinski – Quando alguém não compreende quando lhe dizem “o senhor me entendeu”, pergunta: “O que?, Como?”. O senhor perguntou alguma coisa?
Kazakov – Havia em mim um grande negativismo.
Vychinski – Em russo isso significaria o que?
Kazakov – Inimizade com Levine.
Vychinski – Com mais razão ainda seria necessário perguntar o que ele estava querendo dizer.
Kazakov – É verdade, mas não perguntei nada.
Vychinski – Talvez o senhor o tivesse compreendido?
Kazakov – Não, não.
Vychinski – Então ele lhe disse: “O senhor me entendeu”. E o senhor, o que respondeu?
Kazakov – Fiquei só olhando, de olhos arregalados, não disse nada. Comecei a cuidar de Menjinski e ele se pôs em pé.
Vychinski – Fale menos de seus méritos e responda a questão de fundo que lhe foi posta. Por que o senhor não lhe perguntou: “O que? Não o compreendo.” Em geral, se alguém não pergunta é porque compreendeu, não é mesmo?
Kazakov – É.
Vychinski – Naquele momento o senhor não desconfiou de nada?
Kazakov – Não, não desconfiei. Mais tarde, no mês de outubro, ele me disse: “Tomei-lhe por mais inteligente, mas vejo que não me entendeu”.
Vychinski – E em que a sua inteligência deveria se manifestar?
Kazakov – Ele me disse, em tom firme: “Eu me admiro que o senhor se tenha dedicado com tanto zelo a cuidar de Menjinski e que tenha mesmo fortalecido a sua saúde; foi em vão que o senhor o fez voltar ao trabalho.” E depois acrescentou: “Fazendo isso, o senhor irrita Yagoda.”
Vychinski – E o senhor, o que disse?
Kazakov – Ele acrescentou que disso não resultaria nada de bom.
Vychinski – E o senhor?
Kazakov – Eu escutava, para ver aonde a coisa daria.
Vychinski – Por que o senhor escutava? Não estava claro ao senhor do que se tratava?
Kazakov – Eu desejava escutar, para saber a que ele vinha.
Vychinski – E a que ele veio?
Kazakov – Em outubro Levine me disse: “Compreenda que Menjinski é, de fato, um morto-vivo; porém, restabelecendo sua saúde, fazendo-o retornar ao trabalho, o senhor joga Yagoda contra o senhor. Compreenda que Yagoda está interessado em ver Menjinski fora, e se o senhor não se submeter a ele, Yagoda terá motivos contra o senhor.”
Vychinski – Ele intimidou o senhor?
Kazakov – Sim. Não diga uma palavra a Menjinski, pois ninguém escapa de Yagoda. Ele não recuará diante de nada, achará você em qualquer lugar.
Vychinski – Foi assim que ele o intimidou?
Kazakov – Ele se expressou nestes termos.
Vychinski – O senhor sentiu medo?
Kazakov – Fiquei sorumbático. Depois Levine me disse: “Saiba que Yagoda vai falar com o senhor”. Falando francamente, eu estava completamente desamparado, senti medo e não sabia o que fazer.
Vychinski – E o que o senhor respondeu a Levine?
Kazakov – Não respondi nada.
Vychinski – De sorte que nas três vezes o senhor não respondeu nada. O senhor por um acaso é mudo?

Kazakov – Eu não sabia o que responder sobre seus propósitos cínicos. Talvez Levine fosse um agente de Yagoda, porque ele não tinha absolutamente nenhum motivo para me falar com tanta franqueza.

Vychinski – Em suma, o senhor afirma que Levine o intimidou, o ameaçou?

Kazakov – Sim.

Vychinski – Acusado Levine, o que o acusado Kazakov expôs é exato?

Levine – Não sei se devo objetar agora, neste momento, ou depois. Há tanta confusão...

Vychinski – A tarefa da instrução judiciária é justamente esclarecer todas as confusões.

Levine – Não sei o que fazem aqui expressões como “intimidação”, “olhos arregalados” e este argumento de que ele me compreendeu apenas através da expressão de meus olhos. Não considerava Kazakov assim tão inteligente para que pudesse me entender apenas por meu olhar. Acho que é inútil deter-se em tais detalhes. Evidentemente que se a corte desejar posso contar tudo em detalhes.

Vychinski – Eu lhe pergunto: o senhor realmente tentou intimidar Kazakov?

Levine – Isso é fantasioso, até porque meu encontro com Yagoda sobre Menjinski teve lugar no outono de 1933 e eu teria que saber em maio que era preciso matar Menjinski, pois Kazakov data nosso primeiro encontro em maio.

Kazakov – Nosso primeiro encontro foi em maio.

Vychinski – Durante o primeiro encontro o senhor foi intimidado?

Kazakov – Não. O segundo encontro aconteceu em junho.

Vychinski – O senhor foi intimidado?

Kazakov – Não.

Vychinski – Quando foi, então?

Kazakov – Em outubro, quando voltei de Kislovodski, ele me falou francamente.

Levine – Sim, então eu disse a Kazakov que Yagoda me havia dito isso e aquilo, que ele iria convocá-lo e contaria tudo em detalhes.

Vychinski (a Kazakov) – Levine disse isso ao senhor?

Kazakov – Sim.

Vychinski – Acusado Levine, o senhor nega ter intimidado Kazakov?

Levine – Eu disse que estava totalmente aterrorizado por Yagoda...

Vychinski – Que o senhor mesmo estava aterrorizado?

Levine – Eu disse que estava impossibilitado de lutar contra ele.

Vychinski – Acusado Kazakov, Levine diz a verdade?

Kazakov – Levine disse a seguinte frase: “Yagoda não recuará diante de nada, e se o senhor tentar resistir ele certamente lhe tirará a vida.”

Levine – Exato.

Vychinski – O senhor disse isso?

Levine – Sim.

Vychinski – E então?

Levine – Se o senhor assim o desejar, posso contar o encontro de maio-junho.

Vychinski – Não.

Levine – Também sou da opinião de que seria inútil.

Vychinski – Por que?

Levine – Se Yagoda estava disposto a tudo...

Vychinski – Convinha obedecer?

Levine – Sim.

Vychinski – O Senhor disse isso?

Levine – Sim, e nós nos decidimos.

Kazakov – Eu não decidi nada!

Vychinski – Levine disse-lhe que Yagoda iria convocá-lo?

Kazakov – Sim, disse.

Vychinski – O senhor respondeu?

Kazakov – Não, não respondi nada.

Vychinski – Em que ponto os senhores terminaram sua conversa?
Kazakov – Nós falamos...
Vychinski – Os senhores chegaram a um acordo?
Kazakov – Não, eu não lhe disse nada.

Vychinski – Acusado Levine, Kazakov não lhe disse nada?
Levine – Antes do encontro com Yagoda não.
Vychinski – Sua tarefa, então, era a de informar Kazakov de sua entrevista com Yagoda para um acerto criminoso.
Levine – Sim. Disse a Kazakov que Yagoda iria convocá-lo e que ele o encontraria logo.
Vychinski – Acusado Yagoda, o senhor encarregou Levine de informar Kazakov que ele seria convocado para uma reunião?
Yagoda – Vejo este homem pela primeira vez.
Vychinski – Então o senhor não encarregou Levine de tal missão?
Yagoda – Encarreguei Levine de tratar...
Vychinski – Com quem?
Yagoda – Com Kazakov, mas pessoalmente eu nunca o recebi.
Vychinski – Não perguntei se o senhor o recebeu ou não, perguntei se o senhor encarregou Levine de tratar com Kazakov?
Yagoda – Eu não o encarreguei de tratar com Kazakov.
Vychinski – O senhor acabou de dizer que lhe havia dado esta missão.
Yagoda – Tinha determinado a Levine a tarefa de matar Alexei Maximovitch Gorki e Kouibychev, isso é tudo.
Vychinski – E em relação a Menjinski?
Yagoda – Não assassinei nem Menjinski, nem Max Pechkov.
Vychinski – Isso nós examinaremos quando de seu interrogatório. O que me importa agora é verificar se Levine fala a verdade quando declara que o senhor o tinha incumbido de tratar com Kazakov e de informar-lhe que o senhor o convocaria.
Yagoda – Nunca determinei que Levine tratasse com Kazakov.
Vychinski – O senhor não lhe deu tal incumbência?
Yagoda – Não.
Vychinski – Levine, o senhor ouviu a explicação de Yagoda?
Levine – Ouvi.
Vychinski – Quem, então, diz a verdade?
Levine – Não sei como interpretar agora a declaração de Yagoda. Que Kazakov tenha sido chamado para falar com Yagoda, Kazakov em pessoa...
Vychinski – Eu não lhe perguntei isso. Yagoda deu-lhe tal missão?
Levine – Sim.
Vychinski – O senhor a comunicou a Kazakov?
Levine – Comuniquei.
Vychinski – Kazakov foi chamado?
Levine – Sim.
Vychinski – Como o senhor sabe que ele atendeu à convocação?
Levine – Ele mesmo declarou.
Vychinski – De onde o senhor sabe que ele atendeu?
Levine – O próprio Kazakov me falou.
Vychinski – Senhor Kazakov, o senhor foi convocado por Yagoda?
Kazakov – Sim, no dia 6 de novembro de 1933, às 3 horas da tarde.
Vychinski – O senhor atendeu à convocação?
Kazakov – Sim, um carro veio me buscar.
Vychinski – Yagoda o recebeu?
Kazakov – Sim.
Vychinski – Antes disso, o senhor já havia estado com Yagoda?

Kazakov – Não, era a primeira vez.

Vychinski – E sobre o que falou Yagoda?

Kazakov – Devo fazer primeiro uma pequena digressão. Porque me apresentei no 6 de novembro. No dia 5 de novembro à noite Menjinski havia sido transportado de Chestye Gorki para Moscou, para um hotel particular recém reformado, na rua Mechtchanskaia. Eu não via Menjinski há duas ou três semanas. No dia 6 de novembro uma viatura da GPU veio me buscar e eu fui levado ao hotel. Quando entrei nos aposentos para aonde Menjinski havia sido levado na véspera, encontrei um ar extremamente sufocante.

Vychinski – Poupe-nos dos detalhes, por favor. Nós o interrogaremos especialmente. Diga-nos o que nos interessa sobre a declaração de Yagoda, que alega nunca lhe ter visto.

Kazakov – Em 6 de novembro, depois de ter sido levado a Menjinski, recebi um telefonema avisando-me que um carro estava chegando para me buscar, a pedido de Yagoda. Foi naquele carro que eu fui conduzido à porta número 1 da GPU.

Yagoda veio ao meu encontro e perguntou-me: Como o senhor avaliou a saúde de Menjinski? Disse-lhe que naquele momento, depois dos ataques de bronquite asmática, ele encontrava-se em um estado muito grave. Depois ele me perguntou se eu havia conversado com Levine. Respondi que sim, que estivera com Levine. Então, por que tantos melindres, perguntou Yagoda, por que não age logo? – Eu cuidei de Menjinski, ele estava em um estado deplorável. Ajudado pelo motorista, cheguei mesmo a levá-lo para a varanda, pois ele estava prestes a sofrer um ataque, devido à atmosfera do local. “E quem lhe pediu para cuidar de Menjinski?” Yagoda foi literalmente tomado pela raiva, e me disse: “Todos se desinteressam de Menjinski, em vão o senhor se ocupa dele. Sua vida não é cara a ninguém, ele incomoda a todo mundo. Convido-o a trabalhar junto com Levine em uma forma de tratamento que permita acabar rapidamente com Menjinski. E saiba que se o senhor tentar não me obedecer, saberei dar-lhe um fim bem rápido.”

Vychinski – E o que o senhor respondeu?

Kazakov – Yagoda prosseguiu: “Sei reconhecer aos que me obedecem. O senhor não saberá como escapar de mim.” Eu perguntei o que ele queria de mim. Ele repetiu que eu devia falar com Levine e elaborar um tratamento que permitisse acelerar a morte de Menjinski. Eu estava completamente desamparado. De medo, obedeci. Disse-lhe que veria Levine. No final de dezembro encontrei com Levine.

Vychinski – Acusado Yagoda, Kazakov declarou que o senhor o mandou chamar, que o viu e que o encarregou de uma tarefa específica. O que o senhor tem a dizer?

Yagoda – Nas declarações de Kazakov foi dito que ele veio em minha casa, à noite.

Vychinski – Responda à minha pergunta: o senhor o chamou e esteve com ele?

Yagoda – É aqui que vejo este homem pela primeira vez. Jamais me encontrei com ele nem tratei de tais assuntos.

Vychinski – Por que o senhor fez declarações diferentes sobre o assunto, durante a instrução prévia?

Yagoda – O que disse na instrução prévia é falso.

Vychinski – Peço vênia para citar o volume 2, página 196 das Declarações do acusado Yagoda, de 28 de dezembro de 1937.

“Sabia-se que, nos últimos anos, Menjinski estava sempre doente, que ele não trabalhava. Era eu que dirigia o trabalho. Era claro que, depois de sua morte, eu seria o presidente da GPU. Eu tinha certeza disso, e esperava a morte de Menjinski, mas ele não morria. Quando atribuí a Levine a tarefa de eliminar Max...”

Vychinski – Acusado Levine, quem é Max?

Levine – Máximo Alexeievitch Pechkov.

Vychinski – “Eu pensei: por que não fazer o mesmo com Menjinski? Durante uma de minhas conversas com Levine disse-lhe claramente. Ele já estava ligado a mim pela preparação de outros crimes e não poderia recusar-se.”

Acusado Yagoda, Levine estava ligado ao senhor em ações criminosas?
Yagoda – Em relação a Max, não.
Vychinski – Em relação a quem, então?
Yagoda – A Kouibychev e Máximo Gorki.
Vychinski – Mas o que eu li, foi o que o senhor disse na instrução prévia?
Yagoda – Foi.
Vychinski – “Mas ele disse que não tinha acesso a Menjinski, que o médico encarregado era Kazakov, que não seria possível evitá-lo. Encarreguei Levine de envolver Kazakov no assunto.”
O senhor deu estas declarações, acusado Yagoda?
Yagoda – Já disse que fiz estas declarações, mas que elas são inexatas.
Vychinski – Por que o senhor fez as declarações, se são inexatas?
Yagoda – Não sei porque.
Vychinski – Sente-se.
“Chamei Kazakov, confirmei minha ordem e ele fez seu trabalho. Menjinski morreu.”
O senhor fez esta declaração, acusado Yagoda?
Yagoda – Sim.
Vychinski – Então, o senhor encontrou-se com Kazakov?
Yagoda – Não.
Vychinski – Por que o senhor prestou falso testemunho?
Yagoda – Permita-me não responder a esta pergunta.
Vychinski – O senhor nega ter organizado o assassinato de Menjinski?
Yagoda – Nego.
Vychinski – Mas nestas declarações o senhor confessou?
Yagoda – Sim.
Vychinski – Quando o procurador da URSS o interrogou, como o senhor respondeu à pergunta sobre seu envolvimento com o assassinato de Menjinski?
Yagoda – Confirmei, da mesma maneira.
Vychinski – O senhor confirmou. E por que o fez?
Yagoda - Permita-me não responder a esta pergunta.
Vychinski – Então responda à minha última pergunta. O senhor formulou alguma reclamação ou queixa sobre a instrução prévia?
Yagoda – Nenhuma.
Vychinski – E agora, o senhor deseja formular alguma?
Yagoda – Não.
Vychinski – Sente-se. Continue, acusado Levine.
Levine – Deixei escapar um detalhe que é preciso assinalar. Yagoda me disse que ele tinha tido um encontro com Krioutchkov.
Vychinski – Acusado Krioutchkov, que encontro foi esse?
Krioutchkov – Yagoda disse-me que era preciso livrar-se de Máximo Pechkov.
Vychinski – O que quer dizer “livrar-se”?
Krioutchkov – Matar. “Não se trata de Pechkov, me havia dito, mas principalmente de Gorki. É preciso diminuir a atividade de Gorki, ela incomoda certas pessoas.” Pelo desenrolar da conversa notei que ele falava de Rykov, de Bukharin e dos outros. Durante a conversa soube de Yagoda que um golpe de estado contra-revolucionário estava sendo preparado, e que ele estava envolvido. Disse-me claramente: Na URSS haverá, em breve, um novo poder, que corresponderá melhor ao seu estado de espírito.
Vychinski – Estado de espírito de quem?
Krioutchkov – Ao meu.
Vychinski – E qual era seu estado de espírito?
Krioutchkov – Conforme a conversa que eu tivera com ele por volta de 1933, ele pôde concluir que eu estava próximo da organização dos direitistas. Perguntei-lhe: Que devo fazer? Ele me respondeu: Você sabe o quanto Gorki ama seu filho. A morte dele será um

grande golpe e fará dele um velhinho inofensivo. Você deve matá-lo. Acrescentou então algumas frases ameaçadoras. Aceitei a proposta de Yagoda. Ele falou: Antes você bebia com Max, deve agora começar a intoxicá-lo de bebida.

Vychinski – Acusado Yagoda, o senhor conversou sobre o complô com Krioutchkov?

Yagoda – Não, jamais falei com ele sobre complô.

Vychinski – O senhor conversou com ele sobre temas políticos?

Yagoda – Não, nunca confiei nele.

Vychinski – De sorte que tudo isso que ele disse...

Yagoda – É tudo mentira!

Vychinski – O senhor não lhe deu nenhuma tarefa em relação a Máximo Pechkov?

Yagoda – Eu declarei, cidadão procurador, que no concernente a Máximo Pechkov eu não deleguei nenhuma tarefa, eu não via nenhuma utilidade no seu assassinato.

Vychinski – De maneira que Levine está mentindo?

Yagoda – Ele mente.

Vychinski – Kazakov mente?

Yagoda – Ele também mente.

Vychinski – Krioutchkov?

Yagoda – Mentiras.

Vychinski – O senhor não encomendou a Krioutchkov a morte de Máximo Pechkov? Durante a instrução prévia o senhor...

Yagoda – Eu menti.

Vychinski – E agora?

Yagoda – Agora falo a verdade.

Vychinski – Por que o senhor mentiu no inquérito?

Yagoda – Já disse. Permita-me não responder a essa pergunta.

Vychinski – Continue, acusado Levine.

Levine – Como conseqüência de nossos estratagemas criminosos, no mês de maio, quase no mesmo dia, um dia após o outro, morreram Viatcheslav Roudolphovitch Menjinski e Máximo Alexeievitch Pechkov. Rogo à corte e ao senhor, cidadão procurador, que me permita não me deter agora nos detalhes, na maneira como fomos apanhados, e falar sobre um encontro ulterior com Yagoda, a propósito de nossas vítimas seguintes. Penso em escolher esta ordem em minha exposição porque, para que os senhores possam compreender, para os que não são médicos consigam compreender em que consistiam nossos estratagemas, será necessário que eu faça um breve, muito breve panorama médico, e então os senhores compreenderão nossa maneira de agir, única para os quatro casos. Assim, então, direi apenas que, por conseqüência de nossas ações criminosas conjugadas, Menjinski morreu no dia 10 de maio de 1934 e, no dia seguinte, Pechkov. Estes crimes estavam concluídos. Inútil dizer a que ponto são ignóbeis, odiosos, na mão de médicos, qualquer que seja o paciente e quaisquer que sejam as condições em que são perpetrados. Mas o que menos posso me desculpar é o de Menjinski, por quem eu tinha particular simpatia...

Vychinski – Nota-se.

Levine – ... e que havia também me demonstrado simpatia e, sobretudo, o que concerne ao filho de Alexei Maximovitch Gorki.

Mas naquele momento eu não sabia ainda o que me esperava. Alguns dias depois dos funerais de Menjinski e de Pechkov, Yagoda chamou-me novamente e me disse: “Pois bem, agora que o senhor cometeu estes crimes, está completamente em minhas mãos, e deve aceitar fazer o que vou propor-lhe, e que é muito mais grave e importante. Eu lhe previno que o que vou determinar ao senhor agora é tão obrigatório quanto minhas ordens precedentes. Mas para que o senhor compreenda o que lhe direi e que o senhor deverá executar, devo dar-lhe algumas breves informações sobre a situação do país. Assim então o senhor, homem distante da política, sem partido, compreenderá melhor o que deve ser feito.” Ele então contou que no seio do partido crescia e se fortalecia uma grande revolta

contra a direção do partido, que uma mudança de poder era inevitável, que estava decidida e era inelutável, que na cabeça do movimento estavam Rykov, Bukharin e Enoukidze. E como era inevitável, como estava prestes a acontecer, então quanto mais cedo melhor. Ora, para que aquilo acontecesse mais rápido, para facilitar o processo, precisávamos eliminar da arena política certos membros, como Máximo Gorki – era uma necessidade histórica. Mas, cidadão procurador, o senhor interrompeu quando quis contar, sobre isso, o meu sentimento pessoal. É por isso que não falo nada: farei simplesmente a exposição seca dos fatos, da maneira que o senhor deseja. Após uma pequena pausa, ele me disse: “O senhor se preocupa desnecessariamente, compreenda que isso é inevitável, que é um momento histórico, uma necessidade histórica, uma etapa da revolução que nós devemos transpor, e que o senhor transporá conosco, da qual o senhor será testemunha; e que o senhor deve, pelos meios de que dispõe, ajudar-nos e, ao invés de ficar nervoso, o senhor deve dizer de quem mais o senhor pode encarregar-se, além de Máximo Gorki.” Também agora deixo de lado outras coisas, e digo que não nos falamos mais naquele dia. Passados alguns dias apresentei-me novamente a Yagoda e disse-lhe que estava obrigado a cumprir também aquela missão que ele me havia dado. Durante a conversa ele acrescentou: “Gorki é muito próximo da alta direção do partido, um homem muito devotado à política atualmente desenvolvida no país; ele é particularmente dedicado a Stálin, é um homem que não o trairá jamais, que não marchará jamais conosco. E o senhor sabe, por outro lado, da autoridade que possui a palavra de Gorki entre nós, no nosso país e mesmo muito longe de nossas fronteiras, a influência que ele possui e o quanto sua palavra pode fazer de estragos em nosso movimento. O senhor deve decidir-se por esta ação, e colherá os frutos com a chegada do novo poder.” Quando Yagoda me perguntou de quem mais eu poderia encarregar-me, disse que poderia fazê-lo em relação a um homem que estava frequentemente enfermo, que seguidamente precisava de auxílio médico, com o membro do Birô Político Valerian Vladimirovitch Kouibychev. Eu poderia envolver Dimitri Dimitrievitch Pletnev, que conhecia Kouibychev. Ambos o conhecíamos há doze anos, como nosso paciente. Disse-lhe ainda que nos meios médicos de Moscou todos sabiam que Pletnev era de índole anti-soviética, que ele consentiria mais facilmente do que algum outro. Yagoda disse então: “Falarei com ele pessoalmente. Por outro lado, em tudo o que se refere a Gorki, Krioutchkov pode lhe ajudar; no que concerne a Kouibychev, seu secretário Maximov estará a par.”

Vychinski – Então o senhor organizou o assassinato de Máximo Gorki?

Levine – Sim.

Vychinski – Quem o senhor envolveu nesta ação criminosa?

Levine – O professor Pletnev.

Vychinski – Quem era cúmplice da ação?

Levine – Piotr Petrovitch Krioutchkov.

Vychinski – Sob ordens de quem agiram?

Levine – De Yagoda.

Vychinski (dirigindo-se à Corte) – Permitam-me interrogar o acusado Yagoda.

Presidente – À vontade.

Vychinski – Acusado Yagoda, o senhor confirma esta parte da das declarações do acusado Levine?

Yagoda – Confirmo.

Vychinski – O senhor deu tais ordens?

Yagoda – Dei.

Vychinski (a Levine) – Sob as ordens de quem o senhor igualmente organizou o assassinato de Valerian Vladimirovitch Kouibychev?

Levine – Sob as ordens de Yagoda.

Vychinski – Quem o senhor envolveu no crime?

Levine – Maximov e o professor Pletnev.

Vychinski – Acusado Krioutchkov, o senhor confirma o que disse Levine?

Krioutchkov – Confirmo que Yagoda me havia encarregado de matar A M. Gorki.

Vychinski – Acusado Maximov-Dikovski, o senhor confirma as acusações de Levine?

Maximov-Dikovski – Confirmo, porém não foi Levine que me envolveu, mas Enoukidze e Yagoda.

Vychinski – Acusado Pletnev, o senhor confirma as declarações de Levine relativas a sua participação neste crime?

Pletnev – Confirmo.

Vychinski – Sentem-se. Não tenha mais perguntas a fazer no momento.

Presidente – Acusado Levine, prossiga.

Levine – Eu solicito que me permitam fazer uma pequena digressão para dar algumas explicações puramente médicas, para que todos possam compreender melhor como foi que agimos.

Presidente – Por favor.

Levine – Para que alguém esteja sujeito a uma doença infecciosa qualquer – a difteria, por exemplo – não é absolutamente necessário que o bacilo da difteria esteja em sua boca, assim como para ser atacado por uma broncopneumonia não é preciso que um pneumococo, agente dessa doença, encontre-se em nossas vias respiratórias. As bactérias podem alojar-se em nosso organismo e, durante um certo tempo, não causar mal, elas não são virulentas. Mas chega o momento em que elas tornam-se virulentas. Para que chegue este momento é preciso criar, no organismo um estado tal que ele perca a resistência, a capacidade de defesa, torne-se um terreno propício a uma infecção qualquer. Para cair doente de uma pneumonia ou de outra doença aguda basta às vezes um simples resfriado. Estou firmemente convencido disso, ainda que haja médicos que considerem que um resfriado é coisa sem importância. Mas eu estou firmemente convencido de que, se abirmos as janelas daqui dos dois lados, amanhã muita gente faltará. Para debilitar a resistência do organismo é preciso saber o que, naquele organismo é mais fraco, aquilo que, naquele organismo é o ponto de menor resistência, quais órgãos estão mais irritados e são mais sujeitos a falhas. Enfim, é preciso acreditar que o homem se intoxica apenas por venenos. É preciso saber que cada remédio, em sua composição, encerra um veneno, tudo depende da dose; qualquer remédio, o mais simples, em uma dose contra-indicada e em um momento contra-indicado, pode se tornar um veneno. Darei um exemplo prático. Todos sabem que, em casos de diabetes, o tratamento é à base de insulina; os pacientes aplicam, eles mesmos as injeções de insulina, duas vezes por dia; eles as carregam consigo, e injetam doses elevadas, entre 80 e 100 unidades. Ora, se os senhores injetarem uma pequena dose, de 5 a 10 unidades, em um sujeito para quem a insulina é contra-indicada, alguém que tenha uma taxa baixa de açúcar no sangue, ele pode morrer de um ataque, do que chamamos de choque hipoglicêmico. Partindo de tais considerações, nós analisamos nossas vítimas. Não desejando usar venenos violentos, agimos através de tratamentos contra-indicados.

Vychinski – “Nós” quem?

Levine – Eu, Pletnev, Vinogradov, Kazakov. Todos aqueles a quem eu já citei.

Vychinski – Este plano o senhor traçou sozinho ou com algumas das pessoas mencionadas?

Levine – Em relação a Gorki e Kouibychev, com o professor Pletnev. Com Menjinski, junto com Kazakov.

Vychinski (dirigindo-se à Corte) – Permitam-me fazer uma pergunta a Pletnev.

Acusado Pletnev, o senhor elaborou um plano deste tipo com Levine?

Pletnev – Sim.

Levine – Eu exporei os quatro casos. Quando se colocou a questão da morte de Pechkov, nós preparamos a debilitação de seu organismo pelo uso exagerado de bebidas alcoólicas. Em relação ao vinho é preciso dizer que há pessoas que suportam muito bem a bebida. Toda a Europa bebe vinho, e não é a todo o mundo que ele faz mal. Mas existem organismos para os quais o vinho, mesmo em pequenas quantidades, faz muito mal. O organismo de

Pechkov era um destes. Com ele podíamos utilizar muito facilmente três sistemas: seu sistema cardiovascular, facilmente excitável, seus órgãos respiratórios, não tuberculosos, mas fracos, como os de seu pai e por fim o sistema nervoso vegetativo. Mesmo em pequena quantidade o vinho influenciava seu organismo e, apesar disso, ele bebia muito. Este era seu pecado. Krioutchkov lhe fazia companhia. Krioutchkov bebia relativamente bastante vinho, mas com a diferença de que a bebida fazia-lhe bem, ele a tolerava bem, enquanto que para Pechkov era o inverso. Foi assim que começou a preparação do enfraquecimento do organismo de Pechkov. Aumentamos a quantidade de bebida que ele consumia, o que era muito fácil e agradável para o paciente. Não o incomodava, mas debilitava bastante seu organismo. Em seguida, em um dia muito quente de abril – e a primavera estava extremamente quente em Moscou naquele ano – Max, cuja saúde era frágil, foi colocado para dormir, com muito calor, todo suado, sobre um banco, perto do rio, aconselhado por Krioutchkov, que tratava, ele também, de debilitar Pechkov.

O vento soprava sobre ele, ele estava suado, ele ficou assim exposto, durante duas horas, sem camisa. Obviamente, ele tomou frio, caiu doente e, no dia seguinte, foi constatada uma broncopneumonia. Tal foi a primeira parte do crime, a preparação do doente. A preparação foi feita. O paciente estava muito fraco, seu coração se encontrava em muito mal estado, e nós sabemos que o sistema nervoso joga um papel muito grande no desenvolvimento das doenças infecciosas. Todo o seu organismo estava superexcitado. Tudo estava debilitado nele, e a doença adquiriu um caráter extremamente grave. Eu lhes disse que, durante minha primeira conversa com Yagoda, eu lhe havia declarado que não sabia se faria participar disso o professor Pletnev, e não fiz, pois a gravidade da doença era evidente. Convidei Pletnev para uma consulta, retornamos duas vezes e constatamos que o andamento da doença estava perigoso. A. I. Vinogradov, chamado como médico de plantão, foi igualmente convidado para a consulta. O que agravou o desenvolvimento da doença foi a supressão dos meios que poderiam ser de uma grande ajuda para o coração; ao contrário, administramos remédios que o atacavam. Finalmente, como já disse, dia 11 de maio, atacado por uma broncopneumonia, ele sucumbiu. Assim foi executado nosso primeiro crime. Passo ao segundo crime, a morte de Menjinski...

Yagoda (dirigindo-se à Corte) – Permitam-me fazer uma pergunta a Levine.

Presidente – Quando ele terminar suas declarações.

Yagoda – É relativa à morte de Máximo Gorki.

Presidente – Quando o acusado Levine tiver terminado o senhor poderá fazer sua pergunta.

Levine – Eu me encontrava muito raramente com Kazakov na casa de Menjinski. Normalmente ele chamava ora um, ora o outro. Naquela época ele admirava muito Kazakov. Como já disse, havia pausas no tratamento que oferecia Kazakov, momentos nos quais eu ia na casa dele, quase sempre em companhia de um dos médicos do serviço sanitário da GPU. Há dois sistemas de lisados, um chamado de simpaticotrope, que era certamente funesto ao funcionamento do coração de Menjinski, e um outro sistema, de lisados vagotropos, que acalmam o coração e que lhe eram úteis. Kazakov começou a administrar o sistema de lisados, e sua junção, sua mistura, que prejudicavam o coração de Menjinski. Sabíamos também que os lisados, combinados aos medicamentos cardíacos podiam levar à aceleração do processo, ou seja, ao agravamento do fator essencial do problema de saúde de Menjinski – a miocardite e a angina de peito – o que, por sua vez, deveria resultar em um novo acesso de angina de peito. E foi logo após um novo acesso de angina de peito que faleceu Menjinski.

Presidente – Continue, continue.

Levine – E agora o caso de Kouibychev... O ponto fraco de seu organismo era o coração e sobre este ponto nós dirigimos nosso golpe. Nós sabíamos que desde há muito tempo seu coração estava em mau estado. Ele sofria de uma lesão nos vasos do coração, de uma miocardite, tinha pequenos acessos de angina de peito. Nestes casos é preciso poupar o coração, evitar os excitantes cardíacos violentos, suscetíveis de aumentar bruscamente a

atividade do coração, tratando de diminuí-la cada vez mais. Não seria difícil encontrar um veneno entre estes medicamentos. A própria digitalina, que é útil quando administrada em doses moderadas a pacientes cardíacos com outros diagnósticos. Preparados de glândulas de secreção interna podem também ser igualmente úteis, mas devem ser administrados observando-se certos intervalos. Pois bem, nós receitamos para Kouibychev, sem intervalo, um tratamento que excitava o coração, por um período bastante longo, que durou até sua partida em missão para a Ásia Central. De agosto até setembro-outubro de 1934 foram-lhe aplicadas regularmente injeções de hormônios e de outras substâncias excitantes da atividade cardíaca. Isto havia ativado e tornado mais freqüentes os acessos de angina de peito. Foi em tal estágio da doença que ele partiu para a Ásia Central. Ele contraiu uma afecção aguda imprevista: uma angina conjugada com um abscesso na garganta, de caráter grave, que demandava uma intervenção cirúrgica. Kouibychev retornou de sua missão sem ter se livrado da angina. A auscultação do coração mostrava seu estado ruim. Seria preciso deixá-lo de cama, proibir-lhe qualquer trabalho, o que eu não fiz. E logo ele foi para a sede do Conselho de Comissários do Povo e lá, em seu gabinete, teve um acesso de angina de peito. Seu secretário, Maximov, fez uma coisa que certamente acelerou o fim de Kouibychev. Com efeito, quando me via, Maximov perguntava qual era o estado de Kouibychev e o que podia ser-lhe benéfico ou prejudicial. Nós não falávamos o que sabíamos um do outro. Eu havia lhe dito que Kouibychev estava na iminência de um ataque de angina, durante o qual deveria permanecer deitado, sem fazer qualquer movimento, em repouso absoluto. Eu dizia tudo isso a Maximov sabendo que ele faria o contrário, posto que Yagoda o havia informado sobre a preparação do assassinato de Kouibychev. E o que foi feito? Não sei se Maximov ou outra pessoa que estava ao lado do paciente, mas deixaram-no, durante o acesso de angina, sair da sede do Conselho de Comissários do Povo, sozinho, para sua casa; ele saiu pela porta principal, passou pela arcada, ao lado do dispensário onde ficam os médicos, mas estes não foram chamados em seu auxílio. Ele subiu ao segundo andar. Por acaso a empregada estava em casa. Quando ela viu que seu estado era grave, ligou para Maximov. Só depois é que o médico de plantão foi chamado. Em seguida fui avisado por telefone, e quando cheguei Kouibychev já estava morto. E, finalmente, a última morte: a de Máximo Gorki. Naquela época ele era um homem muito doente. O estado de seus pulmões era grave, realmente perigoso depois do acesso de tuberculose que, como já disse, estavam-se repetindo amiúde. Por outro lado, as modificações sofridas pelos pulmões afetaram terrivelmente a atividade do coração, de maneira que seu estado era muito grave, tanto pelos pulmões quanto pelo coração. No inverno de 1935, como Gorki se encontrava na Criméia, tive um encontro com Krioutchkov, que ia frequentemente à Criméia e que, de maneira geral, tomava conta de tudo na casa de Gorki. Nos entendemos sobre quais medidas poderiam ser funestas para Gorki. Disse-lhe que Gorki gostava muito das caminhadas. Entretanto as grandes caminhadas eram-lhe nocivas, fatigavam-lhe muito. Ele dizia sofrer ficando o dia inteiro sentado, levando uma vida sedentária. Disse-lhe que ele deveria fazer caminhadas. Gorki também gostava de trabalhos manuais, gostava de cortar os galhos secos das árvores no parque, no jardim ou de arrumar as pedras. Tudo isso lhe foi permitido, em prejuízo de sua saúde. E ele ficava muito cansado. Depois de um dia inteiro no escritório ele ia caminhar e, durante uma hora e meia, durante sua caminhada, executava tais trabalhos extenuantes. Sua segunda paixão era o fogo. Gorki adorava o fogo, as chamas, o que foi aproveitado por nós. Faziam uma fogueira para ele. Depois de terem-lhe cansado no trabalho manual, recolhiam os galhos cortados e faziam o fogo. Gorki ficava em frente à fogueira, fazia calor, e tudo isso abalava sua saúde. Ajustamos também para que a chegada de Gorki a Moscou fosse em um momento em que ele pudesse contrair gripe. Ele era bastante suscetível à gripe, que geralmente se complicava com uma bronquite ou uma pneumonia. Sabendo de um surto de gripe na casa de Gorki (as crianças estavam gripadas), Yagoda avisou Krioutchkov na Criméia, que fez com que Gorki retornasse a Moscou. Com efeito, instalado neste apartamento pela gripe, Gorki a contraiu no segundo ou terceiro dia, e ela evoluiu rapidamente para uma broncopneumonia que teve, desde o começo, um

caráter grave. Foi aí que decidimos, o professor Pletnev e eu, que nosso plano deveria começar a ser aplicado e que deveríamos utilizar, para tal fim, de remédios que pudessem prejudicar o paciente. Nós não lançamos mão de medicamentos especiais, que poderiam causar estranheza. Usamos apenas medicamentos dos quais um médico se serve em tais casos, mas em doses extremamente elevadas. Assim empregados eles têm o efeito contrário. Por outro lado o coração, motor sobre o qual exercíamos uma pressão contínua, falha, perde sua capacidade de trabalho e, finalmente, cede. Permitam-me dizer duas palavras sobre o que foi declarado ontem em relação aos medicamentos, quanto à carta do doutor Bielostotski, dizendo que foram feitas numerosas injeções e que foi utilizada, durante algum tempo, a estrofantina. Não sei, não há nada de novo aí. Não dissimulamos isso, nós a usamos em grande quantidade. A estrofantina é uma droga muito valiosa, tanto quanto a digitalina, mas que não me agrada muito, da qual tenho medo, à qual não recorro com freqüência; ela me foi recomendada durante uma consulta. Quando, como corretamente enfatizou o doutor Bielostotski, ele me perguntou se valia a pena continuar administrando-a, disse que não, visto que, de qualquer maneira, estávamos dando ao paciente digitalina. Portanto a carta não contém nenhum tipo de fato que tenhamos tentado dissimular. Ela se deve à vigilância de um médico soviético que quis declarar o que sabia e que apenas confirma o que acabei de dizer.

Presidente – O senhor terminou?

Levine – Terminei.

Presidente – A sessão está suspensa por meia-hora.

Oficial da Corte – A Corte! Todos de pé, por favor.

Presidente – Sentem-se, por favor. A audiência continua. Camarada Procurador, o senhor tem mais perguntas ao acusado Levine?

Vychinski – Sim. Mas acho que o acusado Yagoda desejava formular perguntas ao acusado Levine.

Presidente – Acusado Yagoda, o senhor pode fazer suas perguntas.

Yagoda – Peço a Levine que diga em que ano ele foi, ele Levine, por decisão da Comissão Médica do Kremlin, designado a mim, na qualidade de médico pessoal, e a que outras pessoas ele foi designado?

Presidente – Acusado Levine, o senhor lembra-se destes dados?

Levine – Não lembro o ano, mas posso dizer a quem fui designado: é uma longa lista de pessoas.

Presidente – Mas em qual época, aproximadamente?

Levine – Não lembro. Mas era, certamente, em torno do final de 1920.

Yagoda – A decisão da Comissão Médica do Kremlin estipulava que o senhor estava designado à minha pessoa na qualidade de médico pessoal?

Levine – Não é a Comissão Médica do Kremlin que designa, mas a Direção Sanitária; todavia a Direção Sanitária do Kremlin não adota decisões escritas sobre o assunto. As coisas se passaram assim: fui chamado ao gabinete do chefe da Direção Sanitária e me disseram: “Encarregue-se de cuidar de tais e tais militantes responsáveis”. Nos primeiros tempos eu tinha uma lista de 24 pessoas. Quando muitos pacientes já tinham saído de minha lista fui novamente chamado ao gabinete e me disseram: “Atualmente o senhor tem tal número de lugares vagos, encarregue-se de cuidar de outros Comissários do Povo”. Assim, jamais houve uma decisão que permitisse assinalar em que momento fui designado a tal ou tal paciente; minha designação a um paciente nunca era registrada em uma decisão formal. Havia listas na Direção Sanitária do Kremlin onde estava dito que Levine tratava tais pacientes e Bourmine tais outros.

Yagoda – Não tenho mais perguntas.

Vychinski – O histórico da doença de Pechkov era registrado?

Levine – Nós não tínhamos o histórico de sua doença.

Vychinski – Era registrado?

Levine – Não, com certeza. Tínhamos um sistema de registros médicos, de arquivos, e é nestes arquivos que são conservados todos os prontuários médicos.

Vychinski – E, realizando tratamento em Pechkov, o senhor não registrou nada em seu histórico?

Levine – Não, nada.

Vychinski – Por que?

Levine – Porque nós tínhamos um prontuário de Máximo Gorki; na ficha eram inscritos os membros de sua família, mas falando propriamente, era Gorki quem estava sob os cuidados da Direção Sanitária do Kremlin.

Vychinski – Mas então o senhor tratava de Pechkov sem registrar o histórico de sua doença?

Levine – Sim.

Vychinski – O senhor trata Gorki, que é registrado na Direção Sanitária. Há um filho, Pechkov, igualmente registrado, mas o senhor não tem um histórico de sua doença?

Levine – Não.

Vychinski – E por que? O senhor explica isso dizendo que não havia uma ficha de registro dele?

Levine – Não, é muito simples: a Direção Sanitária considerava que era o titular principal da ficha que estava aos seus cuidados e devia ser o objeto de toda a atenção. Quanto aos outros, são o que chamamos membros da família.

Vychinski – Por conseguinte, o histórico da doença não deve ser feito para os membros da família?

Levine – Não.

Vychinski – Os senhores normalmente registravam o histórico médico para os membros da família?

Levine – Não, não o fazíamos.

Vychinski – Todos aqueles que estavam sob os cuidados dos senhores têm um histórico médico?

Levine – Não. Os titulares principais da ficha têm o que chamamos de “caderneta sanitária”, conservada no serviço de registro médico.

Os membros da família nem mesmo têm o direito de utilizarem a Policlínica chamada de Central.

Vychinski – Para que serve o histórico médico? Qual é seu objetivo?

Levine – Veja só, quando um paciente é internado, ele é cercado por diversas pessoas...

Vychinski – Perguntei-lhe para que serve um histórico médico, qual é seu objetivo?

Levine – É para guardar um registro.

Vychinski – Pergunto-lhe se, no caso de Pechkov, tal registro foi conservado?

Levine – Não.

Vychinski – Precise a dosagem dos medicamentos que foram empregados para Máximo Gorki.

Levine – Para Gorki a estratégia adotada foi a seguinte: servir-se de medicamentos que eram indicados, de maneira geral, contra os quais não pudessem ser levantadas dúvidas ou suspeitas e que pudessem ser utilizados para intensificar a atividade cardíaca. Entre eles está a cânfora, a cafeína, o cardiazol, a digitalina. São remédios possíveis de utilização em doenças do coração. Mas, para Gorki, foram aplicadas doses enormes. Por exemplo, foram-lhe injetadas até 40 ampolas de cânfora.

Vychinski – Em que intervalo de tempo?

Levine – De trinta a quarenta injeções em 24 horas. Para ele, esta dose era excessiva.

Vychinski – Perguntaremos aos especialistas.

Levine – Perfeitamente. Um cirurgião injeta, de uma só vez, seis ampolas. Nós lhe injetávamos de 30 a 40. Por elas mesmas, as injeções não seriam nocivas.

Vychinski – 30 a 40 ampolas de cânfora, primeiro, e depois...?

Levine – Mais duas injeções de digitalina.

Vychinski – Somam 42. O que mais?

Levine – Mais quatro injeções de cafeína.

Vychinski – São 46. O que mais?

Levine – Mais duas injeções de estriçnina.

Vychinski – Chegamos a 48.

Levine – 48. Além de mim estavam consultando ainda um professor conhecido de Leningrado, Lang, e um fisiologista eminente, o professor Speranski. Quero dizer que é possível valer-se de um número grande como esse de injeções, mas que isso não deveria ter sido feito para Gorki, não para ele. Eu me permito emitir uma pequena observação de ordem médica. Para outros poderia não ser terrível, mas para ele era...

Vychinski – Terrível?

Levine – Evidentemente. Para Gorki, depois de tudo o que ele passou, no estado em que se encontravam seu coração e seus pulmões, o emprego de tais doses era nocivo.

Vychinski – O senhor sabia que era nocivo?

Levine – Sem dúvida.

Vychinski – De que doença sofria Pechkov?

Levine – Broncopneumonia.

Vychinski – Utiliza-se o soro antipneumocócito nestes casos?

Levine – Utiliza-se.

Vychinski – O senhor utilizou?

Levine – Não.

Vychinski – Por que?

Levine – Com objetivos criminais.

Vychinski – Conscientemente o senhor absteve-se de empregar os meios que, normalmente, deveriam ser empregados?

Levine – Exato.

Vychinski – Com fins criminais? E entendi direito?

Levine – O senhor compreendeu exatamente.

Vychinski – E agora me permita perguntar de que meios e em quais doses o senhor valeu para tratar Máximo Gorki.

Levine – De 30 a 40 ampolas de cânfora por dia, duas ampolas de estriçnina, duas de digitalina, quatro ampolas de cafeína. Esta era a norma que havíamos estabelecido, o professor Pletnev e eu, para cada dia, desde o primeiro dia da doença; é claro que estas doses foram aumentadas gradualmente, à medida que aumentava a debilidade do paciente, o que pareceu natural a todos, visto que o coração dele reclamava ajuda. Mas seu coração, seus pulmões estavam de um jeito tal que a dose era muito alta. E, por outro lado, eram-lhe injetados vários outros medicamentos que, todavia, eram úteis. Por exemplo, eram-lhe ministradas a urotropina, comumente utilizada para tais doenças, a glicose, excelente remédio, salutar ao coração. Isso era feito pelo doutor Bielostotski, que lhes enviou aquela carta, e a quem eu mesmo nunca chamei.

Vychinski – Em relação ao depoimento do doutor Bielostotski, pedirei à Corte para proceder seu interrogatório, quando ele poderá fazer aqui suas declarações.

Passo à questão seguinte. Gostaria que o senhor precisasse de quais medicamentos cardíacos o senhor se serviu para tratar Menjinski durante o último período de sua doença?

Levine – Repito, uma vez mais, tudo surgia da observação prévia que eu realizava. Se eu listar os medicamentos, os senhores não acharão nada de extraordinário. Eram a digitalina, a adonis vernalis, a estrofantina, todos eles tônicos cardíacos, excitantes. E Kazakov, com seus lisados, agia simultaneamente na mesma direção. Um estimulava o outro. Combinados, os remédios se intensificavam de uma maneira excessiva para o coração de Menjinski.

Vychinski – Mas a dosagem, particularmente, também influenciava?

Levine – Aqui as doses eram normais.

Vychinski – A chave do enigma não residia nas doses? Aonde, então, residia?

Levine – Na quantidade e naquilo pelo qual eu comecei: os métodos de tratamento eram contra-indicados (o que é bom para um é nocivo para outro).

Vychinski – Ou seja, serviram-se de meios legais, mas sua combinação, quantidade e indicação ao paciente em questão não correspondiam ao seu estado de saúde, ao seu organismo?

Levine – Sim. Menjinski tinha uma lesão enorme: o músculo do coração não era mais do que uma cicatriz.

Vychinski – E sob tais condições?

Levine – Não devem ser administradas substâncias tão fortes.

Vychinski – Mas o senhor administrou?

Levine – Sim.

Vychinski – Também com objetivos criminosos?

Levine – Evidentemente.

Vychinski – Permita-me solicitar-lhe uma exposição análoga sobre Kouibychev.

Levine – Hipertonia, pressão sangüínea elevada e sinais de estenocardia, isto é, uma pequena manifestação de angina de peito em seu começo. É preciso considerar aqui que os vasos coronários sofriam um processo de esclerose. O músculo cardíaco não podia mais se alimentar como ele fazia normalmente. O músculo cardíaco exige um afluxo constante de sangue, da mesma maneira que o músculo do braço, quando alguém trabalha, exige um afluxo extra de oxigênio. Se o fluxo não aumenta, pode ocorrer uma embolia, uma trombose, e foi o que ocorreu. A autópsia constatou uma embolia na artéria coronária. Foi o resultado de um acesso de angina de peito. A embolia tinha acelerado o acesso. Sem dúvida, pelo estado de saúde do paciente, ele teria acontecido posteriormente, mas ele foi precipitado.

Vychinski – Devido a...

Levine – Ações criminosas.

Vychinski – Devido ao dito “tratamento”?

Levine – Devido a ações criminosas.

Vychinski – Não tenho mais perguntas.

Defensor Braude (dirigindo-se à corte) – Permitem que eu faça algumas perguntas?

(dirigindo-se a Levine) – O senhor poderia nos dar algumas informações sobre sua biografia?

Levine – Serei breve. Nasci em 1870, em uma família pobre de pequenos burgueses. Com 14 anos, no liceu, já precisava ganhar dinheiro, como monitor, para poder continuar minha educação e ajudar minha família. Fiz meus estudos na faculdade de ciências naturais, em Odessa, e depois na faculdade de medicina em Moscou. Desde 1896, trabalho como médico, ou seja, há 42 anos. Antes da Revolução, sempre trabalhei em hospitais. Trabalhei no Hospital Operário de Moscou e, ao mesmo tempo, como médico de fábrica. Desde o começo da Revolução coloquei-me à disposição do Comissariado do Povo para a Saúde Pública. Obtive um emprego em um Hospital do Comissariado destinado à seleção de pacientes para as estações balneárias. A seguir fui mobilizado no Exército Vermelho, onde trabalhei nas tropas do serviço da segurança interna da República. Ao mesmo tempo, trabalhava na Comissão Médica Superior. Depois, em 1920, por decisão do Comissário do Povo para a Saúde Pública, fui designado para o Hospital do Kremlin, e a partir daí trabalhei, sem interrupção e sem intervalo – ou seja, sem outras tarefas – na Direção Sanitária do Kremlin. Trabalhei como médico titular e na qualidade de consultor do Serviço Sanitário do Comissariado do Povo para Negócios do Interior. Este é, por assim dizer, minha folha de serviços. Durante todo este tempo trabalhei sem que houvesse nenhuma mácula, nenhum registro judicial e foi aos 68 anos que, graças às faltas de Yagoda, fui levado ao banco dos réus.

Braude – Encarregando-lhe da morte de Pechkov, Yagoda fez alguma menção no sentido de que não era uma diretiva emanada apenas dele?

Levine – Ele disse que se tratava de um grupo de homens altamente posicionados politicamente, dentre os quais ele mencionou Rykov, Bukharin e também Enoukidze, que eu conhecia pessoalmente.

Braude – Ele não o colocou em contato com um dos membros da organização? Não o enviou a Enoukidze?

Levine – Sim, ele fez exatamente isso.

Braude – Por favor, conte-nos o que Yagoda disse sobre Enoukidze, e sobre o que o senhor conversou com Enoukidze.

Levine – Foi durante um encontro que aconteceu em 1934, no qual ele me falou de Kouibychev e de Gorki. Ele pediu que eu encontrasse Enoukidze, que sabia que eu estava encarregado da missão, e que desejava me falar. Enoukidze, ele também, era meu paciente, que eu tratava de forma permanente. Eu o encontrei no dia seguinte, no Kremlin. Ele também me perguntou de quem mais eu poderia me encarregar, e ficou muito decepcionado de me ouvir falar somente de Kouibychev. Ele disse: “Bem, comece por aí.”. Pediu-me para refletir sobre a escolha de um cúmplice, e eu respondi que refletiria e que diria a Yagoda.

Braude – Diga-me, por intermédio de quem mais Yagoda o influenciou? Quem era seu chefe direto no trabalho como médico?

Levine – Nos primeiros tempos era Khodorovski.

Braude – O senhor foi encaminhado a ele?

Levine – Ele primeiro me mandou a Metalikov. Saí em férias e, quando retornei (no outono de 1934) encontrei uma mudança na direção, não era mais Metalikov, mas Khodorovski o chefe da Direção Sanitária do Kremlin. Disse a Yagoda que Khodorovski era um recém chegado, que não o conhecia, mas ele me respondeu que Khodorovski estava a par, que fosse falar-lhe. Khodorovski tinha uma fala curta, seca. Ele não gostava de mim e, de minha parte, eu estava longe de o adorar. Entretanto, fui encontrá-lo, mas não ousei entabular de pronto uma conversa sobre o assunto, aproveitando a ocasião para falar da saúde de Enoukidze. Ele me escutou e perguntou: “O senhor não tem nada mais para me falar?”. Disse-lhe que ele me havia comunicado também outra coisa. Khodorovski respondeu: “Sei sobre o que os senhores conversaram. Não é preciso falar sobre isso. Aja, e se precisar de minha ajuda, venha me procurar, mas não o faça com frequência, apenas em casos extremos.” Assim terminou nosso único e breve encontro.

Braude – E o senhor entendeu, pela conversa, que seu chefe direto...

Levine – Não se opunha...

Braude – Que ele aprovava seus atos criminosos e celerados?

Levine – Sim.

Braude – Diga-me, por favor, em que data, concretamente, começaram as conversações, conte-nos o momento onde o senhor foi engajado no caminho destes crimes?

Levine – Posso dizer-lhe exatamente. Foi no inverno de 1933.

Braude – Poderia o senhor resumir, concretamente, as razões interiores que o conduziram, o senhor, um velho médico com quarenta anos de serviço, a aceitar as proposições criminosas de Yagoda?

Levine – Já tentei falar de meu estado psicológico, mas...

Presidente – A defesa formulou-lhe uma pergunta, queira responder.

Levine – Foi uma espécie de ato de loucura de minha parte, um ato de idiotismo. De repente, sem nenhuma razão, matar Pechkov. Eu amava muito esta família, era um amigo da família. Amava muito Gorki, considerava-o um dos maiores homens de nosso país e do mundo inteiro. Como pude chegar lá e por que pode Yagoda afirmar aqui que eu resolvi matar sem indicações formais de sua parte? Já disse porque aceitei fazê-lo. Não o invoco como uma desculpa, mas como uma explicação. Sou um homem distante da política, um sem partido. Sem razão, talvez, mas eu estava cego pela autoridade do representante da

GPU; ele me parecia um homem todo-poderoso, nas mãos de quem se concentrava um poder imenso, e a partir do momento em que este homem dizia que algo devia ser feito, eu aceitava. Psicologicamente, explico isso tudo por uma espécie de covardia, não era pela minha vida que eu temia, digo com toda a sinceridade. O que me apavorava sobremaneira era que ele ameaçava minha família. Mas minha família é uma boa família de trabalhadores soviéticos.

Braude – Diga-nos, por favor se houve diferença, do ponto de vista dos métodos empregados por Yagoda, entre o momento em que ele o convenceu a matar Pechkov e mais tarde, quando lhe falou do crimes seguintes?

Levine – Claro, a diferença era grande. No começo ele tinha me dito que eu participaria de uma ação necessária. Ele falava que tal crime era como um ato necessário para salvar Gorki de não sei quais inimigos. Depois, quando fui encontrá-lo, ele me falou à queima-roupa: o senhor está nas minhas mãos.

Braude – Ele lhe disse quais organizações dirigiam a empreitada?

Levine – Eu não sabia de nada. Só fiquei sabendo durante o processo.

Braude – Ele disse que existia um certo grupo que queria derrubar o poder soviético?

Levine – Ele dizia que era um grupo muito numeroso e influente.

Braude – E a partir de então o senhor teve o sentimento de estar ligado ao grupo, sabendo que era um grupo contra-revolucionário, e que sua sorte dependia da sorte deste grupo?

Levine – Tinha o sentimento de que se Yagoda caísse, eu cairia junto.

Braude – Não tenho mais perguntas.

Defensor Kommodov – Permitem-me fazer uma pergunta?

Presidente – Por favor.

Kommodov – Diga-me, senhor Levine, em que época deu-se sua conversa com Kazakov sobre a morte de Menjinski?

Levine – Foi no final de 1933.

Kommodov – Foi anterior à conversa de Kazakov com Yagoda?

Levine – Sem dúvida.

Kommodov – Foi antes ou depois da conversa com Kazakov que o senhor começou a servir-se de métodos criminosos no tratamento de Menjinski?

Levine – Depois.

Kommodov – Foi através de Yagoda que o senhor foi informado sobre o caso de Menjinski?

Levine – Eu sabia que Menjinski era tratado, de forma permanente, por Kazakov, e que ele detinha sua confiança. Lembro-me que quando Menjinski passou algum tempo em Sotchi, em 1932, quando ele passou mal, chamou Kazakov a Sotchi. Lembro-me também que, partindo para Kislovodski, em 1933, eu acho, Menjinski tinha expressado o desejo que Kazakov fosse junto. Ele era muito ligado a Kazakov e eu não poderia ter agido sem ele.

Kommodov – Mas foi depois da conversa de Kazakov com Yagoda, depois que Yagoda falou com ele que, na prática, o senhor começou o tratamento criminoso?

Levine – Depois do encontro de Kazakov com Yagoda. Depois dele nós estabelecemos, Kazakov e eu, nosso plano criminal, do qual já falei, o plano do tratamento do coração com lisados.

Kommodov – O senhor contou a Pletnev sobre os projetos de Yagoda, suas diretivas, sobre a conversa que Pletnev deveria ter com Yagoda?

Levine – Foi logo depois da morte de Pechkov. Disse-lhe que Yagoda o convocaria para um algo muito difícil, e que ele mesmo diria do que se tratava.

Kommodov – Antes da convocação de Pletnev por Yagoda o senhor realizou, em consulta com Pletnev, atos criminosos no tratamento de alguém?

Levine – Não. Foi apenas após o encontro do professor Pletnev com Yagoda. Nos reencontramos e ele me confirmou que, assim como eu, considerava inevitável a aceitação da diretiva de Yagoda, e deliberamos sobre os atos criminosos que iríamos realizar contra

Kouibychev e Gorki. Foi então, precisamente, que decidimos começar por Kouibychev; foi o que fizemos em 1934; ele morreu no começo de 1935.

Kommodov – O senhor disse a Yagoda que ele mesmo deveria convocar Pletnev?

Levine – Eu havia dito a ele que Pletnev poderia ser escolhido como cúmplice. Ele falou: “O senhor advertirá Pletnev que eu o chamarei.” E creio que Yagoda o chamou com a desculpa de uma consulta médica. Não tenho certeza, Pletnev lhe dirá ele mesmo, mas creio que Yagoda o chamou sob o pretexto de consultá-lo sobre o estado de seu coração.

Kommodov – Assim, Yagoda disse-lhe que convocaria Pletnev sob o pretexto de pedir-lhe uma consulta?

Levine – Ele não me disse, mas creio recordar-me de que Pletnev disse. Talvez Pletnev desmintia.

Kommodov – E ao senhor, foi Yagoda mesmo quem disse?

Levine – Sim, ele disse que ele mesmo convocaria Pletnev e que falaria com ele.

Bukharin – Gostaria de fazer uma pergunta ao doutor Levine.

Ele não participou, no dia seguinte à Revolução de Outubro e mais tarde, das sabotagens contra o proletariado insurgente?

Levine – Não apenas eu não poderia ser um dirigente como nem mesmo um participante das sabotagens, pois naquela época eu não trabalhava em nenhum hospital. Em que consiste a sabotagem? Em não fazer seu trabalho.

Bukharin – Eu sei. O doutor Levine nunca foi menchevique, ou simpatizou abertamente com os mencheviques?

Levine – Se o senhor me perguntasse agora o que é um menchevique, eu me cobriria de vergonha nesta sala, e é melhor não me perguntar.

Vychinski – Eu o questionei sobre a organização das mortes das quais o senhor falou aqui. Se eu o entendi bem, Yagoda expôs também os motivos políticos em nome dos quais agiam?

Levine – Expôs. Já falei deles. Ele dizia que o descontentamento contra a direção do Partido crescia no seio do Partido.

Vychinski – Foi Yagoda quem disse isso?

Levine – Sim. Que o descontentamento espalhava-se pelo país, que não havia quase nenhuma grande administração onde não houvesse gente descontente com a direção e desejando que ela fosse destituída e substituída por outros homens. Ele me disse, sobre isso, que outros homens deviam subir ao poder...

Vychinski – Por quais meios? Com a ajuda de quem?

Levine – Depois de terminar o preâmbulo histórico ele falou: Para facilitar as coisas nós devemos afastar da arena política alguns membros do Birô Político e Máximo Gorki. Na segunda conversa ele me explicou o porquê de Máximo Gorki: é que Gorki era partidário, um firme partidário da orientação ditada pela direção do Partido e, em particular, um grande admirador e também firme defensor de toda a política de Stálin; ele era também seu amigo pessoal, não o trairia nunca, em nenhuma circunstância, ele sempre se colocaria no nosso caminho, sempre nos prejudicaria. Era preciso eliminá-lo.

Vychinski – Acusado Levine, as mortes de homens políticos de nosso Estado, tramadas por Yagoda, tinham um caráter político contra-revolucionário manifesto, abertamente expresso diante do senhor?

Levine – Sim, tudo era muito claro.

Vychinski – E o senhor não considerava tal empreitada apenas como técnico, mas também como homem político?

Levine – Não sei como os senhores o consideram, mas eu nunca fui um homem político.

Vychinski – O senhor diz que nunca se ocupou de política.

Levine – Nunca.

Vychinski – Mas o senhor agiu como um inimigo político.

Levine – Agi como um instrumento nas mãos de um inimigo político.

Vychinski – E então?

Levine – Como um inimigo político.

Vychinski – O senhor envolveu-se, então, não apenas com estas mortes, mas com toda uma cadeia de crimes...

Levine – Eu servia involuntariamente aos conspiradores.

Vychinski – O senhor compreende que se tratava de uma luta contra o poder dos Soviéticos?

Levine – O que compreendi aqui, durante o processo, eu não compreendia naquele momento.

Vychinski – O senhor viu durante o processo um quadro horrorizante...

Levine – Sim, até então eu não compreendia nada, não sabia disso tudo.

Vychinski – Mas o que o senhor sabia na época era igualmente de um horror chocante.

Levine – Sim, compreendo.

Vychinski – O senhor compreendia que se tratava da luta contra o poder soviético?

Levine – Compreendia.

Vychinski – E, envolvido pelas hábeis manobras de Yagoda, o senhor colocou-se ao lado dos inimigos do poder soviético? E na luta contra o poder soviético, luta à qual o senhor aderiu, o senhor igualmente assumiu seu papel?

Levine – Infelizmente sim. Mas eu só queria...

Vychinski – E esta foi uma atividade política?

Levine – Sim.

Vychinski – Ainda que ela tenha um caráter de banditismo, não é mesmo?

Levine – Sim. Mas eu só queria destacar que alguém pode aderir por simpatia, como participante, como ativista. Apenas quero sublinhar uma coisa, não para me desculpar, eu disse a verdade desde o primeiro dia da minha detenção, eu entrei nisso devido a um fatídico concurso de circunstâncias e não porque eu simpatizasse com a chegada ao poder...

Vychinski – Mas se o senhor fosse um homem honesto, um honesto cidadão soviético, o senhor deveria ter procurado alguém, falado com alguém sobre as ameaças, etc.?

Levine – Ele me dizia: Tenha certeza de que eu vigio cada um dos seus gestos – antes mesmo que o senhor tente dizer alguma coisa, cairá nas minhas mãos.

Vychinski – E agora o senhor diz...

Levine – Sim.

Vychinski – Se o senhor se considerasse como um honesto cidadão de sua pátria...

Levine – Eu me considerava como tal.

Vychinski – Como um médico soviético...

Levine – Eu me considerava como tal.

Vychinski – Após de ter sabido deste terrível complô, que deveria o senhor ter feito?

Levine – Deveria tê-lo denunciado.

Vychinski – Depois de ter sido convidado a ser cúmplice e, mais ainda, organizador da morte de homens soviéticos eminentes e do gênio da cultura russa, Gorki, o que o senhor deveria ter feito se o senhor tivesse realmente amado Gorki e sua pátria?

Levine – Recusado-me a participar e denunciado tudo.

Vychinski – E por que não o fez?

Levine – Por covardia.

Vychinski – O senhor pensava, então que “não havia fera mais forte que o gato”?

Levine – Sim.

Vychinski – Que Yagoda era o gato mais terrível e mais forte?

Levine – Isso mesmo.

Vychinski – E o que o senhor acha hoje.

Levine – Hoje é mais claro.

Vychinski – Quero agora lhe pedir que responda com toda a sinceridade: o senhor pensa realmente que não havia nenhum recurso contra Yagoda?

Levine – Agora compreendo tudo ampla e claramente, quando lanço um olhar retrospectivo, me pergunto: “Meu Deus, por que não fiz isso, por que não agi assim?”

Vychinski – Quanto tempo durou sua participação nestas atividades criminosas?
Levine – Três anos.
Vychinski – Três anos! O senhor teve mil vezes a oportunidade de agir como um homem honesto.
Levine – Mas não as aproveitei.
Vychinski – E o senhor não as aproveitou porque, como o senhor disse, sentia medo?
Levine – Sim.
Vychinski – O senhor é assim tão covarde?
Levine – Sim, covarde.
Defensor Kommodov – Permitam-me dirigir uma pergunta ao acusado Levine.
Presidente – À vontade.
Kommodov – Em relação à pergunta que lhe fez o acusado Bukharin, diga-nos, por favor, o que o senhor fazia no momento em que estourou a Revolução de Outubro.
Levine – Na época existiam ainda em Moscou vários hospitais chamados de hospitais para as vítimas da guerra. Eu dirigia alguns destes hospitais.
Kommodov – E o senhor continuou trabalhando o tempo todo?
Levine – Sim.
Kommodov – O senhor não interrompeu seu trabalho nem um só dia?
Levine – Nenhum. Mais tarde, quando os hospitais foram fechados, obtive um emprego no Commissariado do Povo para a Saúde Pública. Quando meu trabalho no hospital terminou, fui ao Commissariado e pedi um emprego: algum tempo depois fui nomeado para o Hospital das Estações Balneárias.
Kommodov – De forma que as suspeitas de sabotagem de sua parte não se confirmam?
Levine – Não, em absoluto. Um residente dos hospitais teria podido fazer uma sabotagem, mas eu não era residente.
Kommodov – O senhor, alguma vez, participou de algum partido?
Levine – Não.
Kommodov – Talvez membro de algum partido nacional? Judeu, por exemplo?
Levine – Nenhum partido, membro do partido dos médicos, apenas.
Kommodov – Mas este nós não conhecemos.
Presidente – Os especialistas têm alguma pergunta a fazer ao acusado Levine?
Cherehevski e Vinogradov – Os especialistas não têm nenhuma pergunta, tudo está claro.
Presidente – A sessão está suspensa até as 18 horas.
O Presidente (assinado) V. V. Ulrich Presidente do Colégio Militar da Corte Suprema da URSS Jurista Militar do Exército
O Escrivão (assinado) A. A. Batner Jurista Militar de 1º Grau

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Sessões de 8 de março de 1938 dos Processos de Moscou, na íntegra

O assassinato de Máximo Gorki (II)

(publicado no jornal Hora do Povo, na edição de 8 de Fevereiro de 2006)

Após ser proferida a sentença no processo do “bloco direitista-trotskista”, a 13 de março de 1938, o embaixador dos EUA em Moscou, Joseph E. Davies, que havia assistido a todas as sessões do julgamento, enviou ao secretário de Estado, Cordell Hull, o cabograma cifrado nº 1.039. Davies, um milionário americano, advogado e empresário, carregado de preconceitos anti-soviéticos, como se pode perceber por suas palavras, relatava suas conclusões: “...Não obstante a reserva que emana das declarações diante de um sistema judicial que não oferece praticamente nenhuma proteção para o acusado, através da observação diária das testemunhas, da sua maneira de testemunhar, das confirmações inconscientes que se desenvolvem e dos demais fatores em curso no processo, juntamente a outros que podiam merecer a observação judicial, é minha opinião que foram provadas suficientemente infrações às leis soviéticas por parte dos acusados, o que justifica plenamente o veredicto de culpabilidade por traição e a aplicação das penas estabelecidas pelo Código Criminal Russo. A opinião dos diplomatas que acompanharam mais regularmente o processo foi, em geral, que se havia estabelecido a existência de um complô extremamente sério, que explicava muitos dos até então incompreensíveis acontecimentos dos últimos meses na União Soviética”.

Da mesma forma, o enviado do “The New York Times”, Walter Duranty, expressava em suas matérias a mesma conclusão. O minucioso interrogatório público dos réus, suas negações, as tentativas de eludir seus atos, e, depois de confrontados com as provas, sua admissão de culpa acompanhada da tentativa de minimizar sua participação nos crimes cometidos, tinham a eloquência inconfundível da verdade. O assassinato de Máximo Gorki e os atos de terrorismo, planejados e perpetrados, eram parte integrante desse complô.

Apesar de seus esforços verdadeiramente desesperados - numa inundação de artigos publicados na imprensa anti-comunista - para desvincular-se de seus cúmplices, L. Trotsky, um ano antes, na edição de 26 de janeiro de 1937 do “New York Evening Journal”, na época a principal publicação da rede de jornais de W. R. Hearst, não pôde deixar de admiti-lo, com o inimitável pedantismo que lhe era peculiar: “Dentro do Partido, Stalin colocou-se acima de toda a crítica e do Estado. É impossível removê-lo, a não ser pelo assassinato. Todo opositor torna-se, ipso facto, um terrorista”. (CL)

SESSÃO NOTURNA DE 8 DE MARÇO DE 1938

Oficial da Corte – A Corte! Todos de pé, por favor.

Presidente – Podem sentar-se. A audiência prossegue. Acusado Boulanov, o senhor confirma as declarações que fez na instrução prévia?

Boulanov – Sim, eu confirmo. Os fatos e os dados que comuniquei durante o inquérito e no interrogatório do Procurador, dos quais falarei a seguir, obtive da boca do próprio Yagoda, das conversações que mantive com ele e das conversas que ele teve, em minha presença, com outros cúmplices. Durante os anos em que trabalhei com Yagoda, na condição de secretário particular e de secretário do Comissariado do Povo, adquiri o hábito de ver tudo com os olhos de Yagoda: passei a maior parte de meu tempo, durante esses anos no Comissariado do Povo, com Yagoda e por Yagoda; eu estava apartado inteiramente, absolutamente, da vida do Partido, de seu fim, da vida social. Se me é permitido falar assim, juraria apenas por ele. Por fim Yagoda fez de mim alguém que lhe era inteiramente devotado; ele sabia que eu não o trairia; e por isso, nem em suas conversas comigo, nem em conversas que ele mantinha com outros em minha presença, havia algum segredo, algum

elemento de dissimulação. Isso explica porque conheço seus crimes: fiz parte deles. Devo dizer que, por volta de 1931, pela primeira vez, e sem que eu esperasse, certamente estimando que eu já estava perfeitamente doutrinado e moldado, Yagoda me disse que era um direitoista. Soube pela primeira vez por Yagoda, em 1934 que havia um complô. Pouco a pouco, de conversa em conversa, Yagoda colocou-me a par da ação contra-revolucionária. Afastado do Partido, eu me fiava cegamente em Yagoda.

Vychinski – Em que ano disse que Yagoda contou-lhe que era direitoista?

Boulanov – Em 1931.

Vychinski – Desde quando o senhor trabalhava com Yagoda?

Boulanov – Desde o final de 1929, aproximadamente.

Vychinski – Continue suas declarações.

Boulanov – Um dia, durante uma conversa, Yagoda me disse que eles (quer dizer, ele e os direitoistas que haviam por detrás dele) haviam unido-se aos trotskistas e aos zinovievistas; que era inútil esperar qualquer avanço pela via normal, pela luta legal dentro do Partido; que para chegar ao poder eles só dispunham de um meio: usar de violência para chegar ao poder diretamente através de um golpe de estado. Um dos principais papéis no golpe de estado deveria, segundo ele, caber a Enoukidze; o outro, não menos importante do que o primeiro, tocaria a ele mesmo, Yagoda. A esfera de influência deles era o Kremlin, com Enoukidze e o Comissariado do Povo para Assuntos Interiores, com Yagoda. Yagoda chegou um dia a fantasiar – várias vezes, aliás – (eu não achava que era fantasia, pois ele representava assaz realmente) que no caso do golpe de estado triunfar, ele seria presidente do futuro Conselho dos Comissários do Povo.

Vychinski – Presidente do Conselho dos Comissários do Povo?

Boulanov – Sim. O trabalho na máquina partidária, segundo ele, voltaria para Tomski, Bukhárin e Rykov; acrescentando que Tomski, segundo seus cálculos e suposições, certamente deveria ocupar o papel de dirigente dos sindicatos. Os secretários do Comitê Central seriam Rykov e Bukhárin. E Yagoda sublinhava que, quando ele fosse Presidente do Conselho de Comissários do Povo, a função dos secretários do Comitê Central seria totalmente diferente. De que natureza, exatamente, não saberia dizer. Lembro-me – peço a Corte que tenha em conta que minhas declarações aqui não refletem uma única conversa, pois o que exponho aqui resume palavras ditas em diferentes ocasiões, diálogos que tivemos a sós, e conversas em presença de outras pessoas, pois Yagoda não fazia cerimônia na minha frente – resumo então todas estas conversas e respondo inteiramente pela exatidão do que digo. Sobre isso lembro de um paralelo que Yagoda traçava entre o futuro Secretário do futuro Comitê Central, Bukhárin e Goebbels. Devo dizer que, de maneira geral, Yagoda entusiasmava-se vivamente por Hitler.

Vychinski – De uma maneira geral ele se entusiasmava pelo fascismo? Mas concretamente?

Boulanov – Ele se entusiasmava com Hitler. Dizia que seu livro, Mein Kampf era realmente um livro de valor.

Vychinski – De valor?

Boulanov – Várias vezes ele destacou o fato de Hitler, um antigo sub-oficial, ter conseguido elevar-se à posição que tem hoje.

Vychinski – O próprio Yagoda não foi, outrora, um sub-oficial?

Boulanov – Não sei, mas suas atitudes eram as de um sub-oficial.

No futuro governo, se não me falha a memória, Enoukidze seria nomeado presidente do Comitê Executivo Central.

Vychinski – E o que Goebels veio fazer aqui?

Boulanov – Ele dizia que ao lado dele, Bukhárin faria uma figura tão boa como a de Goebels.

Vychinski – Ele dizia isso de Bukhárin?

Boulanov – É preciso entender que Yagoda, quando fazia tal paralelo – até onde eu compreendo e sei – dava-lhe o sentido de que ele, Presidente do Conselho dos Comissários

do Povo, assistido por um secretário no estilo Goebbels e de um Comitê Central perfeitamente dócil, governaria como bem entendesse. O Golpe de Estado armado – assim o definia Yagoda – eles fariam coincidir obrigatoriamente com a guerra. Um dia, para demonstrar meu espanto, questionei Yagoda. Eu realmente não compreendia – a guerra, o perigo iminente, uma situação tensa e, ao mesmo tempo, uma perturbação governamental – desse jeito a situação poderia ser sensivelmente comprometida no front. Yagoda respondeu-me que eu era um ingênuo achando que eles, grandes políticos que eram, desencadeariam o Golpe de Estado sem ter-se entendido antes com os adversários prováveis e inevitáveis da URSS. Os adversários seriam os alemães e os japoneses. Ele dizia explicitamente que havia entendimentos diretos com eles, que no caso do Golpe de Estado triunfar, o novo governo, uma vez formado, seria reconhecido e as operações militares suspensas.

Vychinski – Sob quais condições?

Boulanov – Não tenho bem certeza: mas tenho lembrança de conversas sobre empresas concessionárias e privilégios a serem acordados. Foi então que pela primeira vez ouvi dizer que Krestinski e Karakhan estavam totalmente com eles e que eram não apenas homens com responsabilidade, mas que sabiam trabalhar e, naturalmente, trabalhar no sentido contra-revolucionário. Muito mais tarde ouvi o nome de Tukhatchevski, que deveria, no futuro governo, assumir o cargo de Comissário do Povo para a Defesa.

Vychinski – O que o senhor pode nos dizer sobre a relação com os trotskistas?

Boulanov – Sobre isso falarei mais tarde.

Para ser breve e ao mesmo tempo exato, falarei da parte do crime na qual, sob instruções de Yagoda, tomei parte diretamente, a saber, o envenenamento.

Vychinski – Pode nos expor antes todas as relações criminais que eram praticadas, todo o conluio que existia, e depois os fatos concretos relativos ao envenenamento.

Boulanov – Se o senhor preferir.

Vychinski – O senhor sabia que Yagoda, como membro do centro de direitistas, estava ligado aos trotskistas?

Boulanov – Sabia.

Vychinski – Sabia como? Com quem ele estava ligado e como?

Boulanov – Está bastante evidente que Yagoda estabeleceu relações muito estreitas com os líderes direitistas. Ele também estava ligado aos trotskistas. Acho que era assim, pois me aconteceu, mais de uma vez, de ser testemunha das instruções diretas que ele distribuía, sobre o plano operativo, a algumas pessoas que estavam à frente de alguns serviços, indicações diretas ou indiretas para não reprimir as atividades dos trotskistas, para classificar com cuidado os numerosos dossiês de trotskistas, direitistas e zinovievistas.

Vychinski – Quer dizer que ele os acobertava?

Boulanov – Eu diria não apenas que ele os acobertava, mas também que ajudava em seus trabalhos. Para não fazer afirmações gratuitas, citarei alguns fatos. Por exemplo, Yagoda insistia para que Ouglanov, com suas declarações, se mantivesse no posto estabelecido.

Vychinski – O senhor não se lembra do personagem sinistro de um dos processos anteriores, Dreitzer? Que relações Yagoda manteve com ele?

Boulanov – Lembro-me que, apesar das informações precisas das quais dispunha certo chefe de serviço sobre a longa atividade trotskista de Dreitzer, este não foi, entretanto, preso. Devo dizer que, de maneira geral, a linha de conduta de Yagoda no tocante aos direitistas, aos trotskistas e aos zinovievistas visava claramente acabar com a luta contra eles.

Vychinski – O que me interessa são os fatos concretos.

Boulanov – Esta era a linha geral. Somente quando o partido se punha em guarda ou quando havia um chamado público à ordem, quando tais personagens odiosos se expunham muito, só então ele reprimia, mas suas repressões revestiam-se de um caráter absolutamente convencional.

Vychinski – Yagoda estava informado da atividade conspiratória de Dreitzer e a acobertava?

Boulanov – Perfeitamente.

Vychinski – O senhor recorda-se também de um outro personagem dos processos anteriores, personagem não menos sinistro, Ivan Nikititch Smirnov? O senhor sabe se Yagoda era ligado a ele e se o favorecia?

Boulanov – Relativo a Smirnov sei exatamente que, enquanto ele esteve na prisão, Yagoda mandou Moltchanov visitá-lo e, por seu intermédio, dava-lhe instruções precisas, recomendando-lhe adotar certa linha de conduta no caso de exigirem-lhe certos testemunhos. Isto é exato.

Vychinski – O senhor sabe o que Yagoda fez quando Smirnov, da prisão onde estava, foi transferido para Moscou?

Boulanov – Sei que Yagoda alterou sua conduta habitual. Normalmente ele não visitava a prisão, mas depois da chegada de Smirnov ele o fez.

Vychinski – Em sua cela?

Boulanov – Sim.

Vychinski – E o que ele fazia lá?

Boulanov – Ouvi sua conversa com Moltchanov: ele dizia que ele, Yagoda, estava tranqüilo sobre a conduta de Smirnov perante a Corte.

Vychinski – Quer dizer, ele o doutrinou? Qual era a atitude dele em relação a Kamenev, após o assassinato de Kirov?

Boulanov – Quando foi decidida a prisão de Kamenev e de Zinoviev, Yagoda destacou-me para prender Kamenev.

Vychinski – Quem ele enviou junto?

Boulanov – Fui com Pauker.

Vychinski – Quem era Pauker?

Boulanov – Chefe do Serviço de Operações.

Vychinski – Fora isso, o que mais ele era?

Boulanov – Integrante ativo das atividades conspirativas, ele era um dos homens investidos de excepcional confiança e servia de elo de ligação com Enoukidze.

Vychinski – Pauker não era um espião alemão?

Boulanov – Mais tarde soube que ele era um espião.

Vychinski – Um espião alemão?

Boulanov – Exatamente.

Vychinski – Acusado Yagoda, o senhor sabia que Pauker era um espião alemão?

Yagoda – Sim.

Vychinski – Sente-se. Então o senhor e Pauker foram enviados por Yagoda para prender Kamenev? E quem deveria prender Zinoviev?

Boulanov – Que eu saiba, Moltchanov e Volovitch.

Vychinski – Quem era Moltchanov?

Boulanov – Chefe do Serviço Político Confidencial do Comissariado do Povo para Assuntos do Interior e membro da organização.

Vychinski – De que organização? Da organização clandestina dos direitistas?

Boulanov – Sim.

Vychinski – E Volovitch?

Boulanov – Volovitch, chefe-adjunto do Serviço de Operações. Dizia-se que ele era envolvido em questões de espionagem.

Vychinski – O senhor confirma, acusado Yagoda, que Volovitch era também espião alemão?

Yagoda – Sim, confirmo.

Vychinski – Acusado Boulanov, que instruções lhe deu Yagoda, ao enviar-lhe para proceder à prisão de Kamenev e de Zinoviev?

Boulanov – As instruções eram simples: traga-os, disse, nada de buscas. Foi o que fiz.

Vychinski – Foi o que o senhor fez? Continue agora.

Boulanov – Passo diretamente aos crimes nos quais tomei parte diretamente. Soube por Yagoda que a decisão de matar Nicolai Ivanovitch Iejov...

Vychinski – O senhor sabe onde estavam os arquivos secretos de Rykov?

Boulanov – Com Yagoda.

Vychinski – Arquivos da conspiração?

Boulanov – Se não fossem da conspiração é pouco provável que Rykov tivesse procurado um lugar tão seguro. Passo ao atentado contra a vida de Iejov. Como disse Yagoda, a decisão tomada por ele, quer dizer, pelo centro, de matar Iejov, tinha sido tomada exclusivamente com fins políticos. Era uma das etapas ou uma das medidas tomadas para garantir-se contra uma identificação dos participantes do complô e, por conseguinte, uma medida visando a conservação das possibilidades de execução do próprio complô. A razão pela qual a decisão foi adotada é que, logo após ou exatamente após o assassinato de Kirov, Iejov foi encarregado pelo Comitê Central do partido de supervisionar a investigação. E eu sei por Yagoda que, rapidamente, o trabalho de Iejov teve como resultado o aumento progressivo da inquietação de Yagoda. Ele sublinhava que Iejov não estava distante, como ele dizia, de descobrir e assimilar todas as particularidades do trabalho da Direção de Segurança de Estado, e que não era certo, em absoluto, que ele não chegaria, no final das contas, a tirar a limpo a situação real, a descobrir o complô. Yagoda – sei, mais uma vez pelas conversas que ele teve com vários chefes de serviço, membros da organização clandestina – fez todo o possível para desinformar Iejov. Materiais, informações e declarações não eram entregues a Iejov antes de passar pelo crivo de Yagoda e seus ajudantes. Documentos e comunicações eram subtraídos, dissimulados. Em resumo, tudo foi feito para entravar o trabalho de Iejov. Todavia, no início de 1936, Yagoda disse claramente que não apenas não havia nenhuma certeza, nenhuma garantia de que Iejov não terminaria por descobrir o verdadeiro estado das coisas e que, pelo contrário, ele estava convencido de que, estando o outro na via correta, era necessário tomar medidas decisivas para localizar, eficazmente, o perigo que se avizinhava. Na primeira metade de 1936 soube, pela primeira vez, que Yagoda tivera conhecimento, antecipadamente, da maneira pelo qual foi organizado o assassinato de Kirov. Uma vez, entrando como de costume, sem aviso, sem anunciar-me, no gabinete de Yagoda, encontrei-o em um estado de excitação violenta, logo após uma conversa com Moltchanov. Depois de sua partida, Yagoda, irritado, lançou a seguinte frase: “Tenho a impressão de que Iejov vai desenterrar também a questão de Leningrado”. Depois, tendo-se controlado, ainda que normalmente ele não me escondesse nada, advertiu-me da necessidade de manter rigorosamente secreta a comunicação que ele me havia feito e, após ter prometido pela vigésima ou quadragésima vez que me arrancaria a cabeça “se eu falasse”, confessou ter estado a par dos preparativos do atentado contra Kirov. Disse ter, em Leningrado, um homem de confiança, plenamente integrado a tudo – o chefe adjunto da Seção do Commissariado do Povo para Assuntos do Interior para a região, Zaporozetz. Acrescentou que este organizara tudo para que o assassinato de Kirov por Nikolaev fosse facilitado. Além disso, falou que o ato tinha sido cometido com a complacência e a ajuda de Zaporozetz. Lembro-me que Yagoda, entre outras coisas, contava os fatos, repreendendo Zaporozetz por sua falta de habilidade, pois estaria tudo certo se não tivesse havido buscas na época. Por descuido, a polícia, alguns dias antes do assassinato de Kirov, havia prendido Nikolaev, em cuja pasta encontraram a identidade e um revólver. Zaporozetz o soltou logo. Yagoda contou-me então que Borissov, colaborador da Seção de Leningrado, estava envolvido na morte de Kirov. Quando os membros do governo, chegando a Leningrado, chamaram Borissov para interrogá-lo como testemunha, Zaporozetz, inquieto e temendo que Borissov entregasse quem estava por detrás da ação, decidiu matá-lo. Sob orientação de Yagoda, fez com que o carro que buscava Borissov no Smolny sofresse um acidente. Ele morreu e foi assim que uma testemunha perigosa foi eliminada. Compreendi então o cuidado excepcional que teve Yagoda quando Medved, Zaporozetz e os outros colaboradores foram presos e levados à justiça. Lembro que ele

encarregou-me de tomar conta das famílias de Zaporozetz e Medved. Quando da deportação deles, excepcionalmente foram utilizados vagões especiais e diretos, no lugar de vagões comuns. Antes da partida, Zaporozetz e Medved foram trazidos.

Para os direitistas, o perigo de serem descobertos era evidente e real, a ponto de Yagoda optar por medidas decisivas ou, para ser mais explícito, por matar Iejov. Sei por Yagoda que, no verão de 1936, ele encarregou outras pessoas, não envolvidas no caso anterior, de envenenar o apartamento que Iejov ocupava. Como, quando e em que circunstâncias isso foi feito ele não me disse e eu ignoro. Mas tenho certeza de que foi feito pois, em se tratando de Yagoda, dificilmente a palavra não é seguida de ação.

Quando ele foi destituído do posto de Comissário do Povo para Assuntos do Interior, providenciou logo o envenenamento do escritório e das peças contíguas, no Comissariado, onde Iejov trabalharia. Ele me deu a ordem, a mim pessoalmente, para preparar o veneno, a saber: de pegar o mercúrio e dissolvê-lo em ácido. Não entendo nada de química nem de medicina, pode ser que eu me engane com os nomes, mas recordo que ele nos advertira sobre o ácido sulfúrico, sobre as queimaduras, os vapores e tudo o mais. Estávamos no dia 28 de setembro de 1936. Executei as ordens de Yagoda e preparei a solução. A aspersão do gabinete onde trabalharia Iejov e depois das peças próximas, a aspersão dos tapetes, dos carpetes e das portas foi feita por Savolainen, na minha presença e na de Yagoda. Foi em 29 de setembro. Yagoda disse que a aspersão deveria ser feita cinco, seis, sete vezes. Foi o que fizemos. Duas ou três vezes preparei grandes frascos com a solução, que passava a Savolainen. Ele aspergia com o vaporizador. Lembro que era um grande balão metálico, com uma grande pêra de borracha. Conheço o vaporizador, ficava no lavabo de Yagoda, um vaporizador de marca estrangeira. Na segunda e terceira vez, a aspersão foi feita por Savolainen na minha presença. As outras, sem mim. Ele me dizia que havia feito e depois comunicava a Yagoda. Devo acrescentar que, em 28 de setembro, no momento em que a conversa aconteceu, Yagoda abriu um pequeno armário onde ele guardava muitas coisas, principalmente pequenos frascos, e me deu duas ampolas que, aparentemente, não eram de fabricação russa, e me disse: é preciso acrescentar este veneno, misturando em uma solução de mercúrio. Eu não saberia dizer o que era nem como se chamava. Entreguei tudo a Savolainen, que se encarregou da tarefa de aspergir o veneno junto com a solução de mercúrio. Foi isso que fiz em relação ao atentado contra a vida de Iejov.

Vychinski – Diga-me, por favor, se Yagoda interessava-se, de forma geral, por venenos.

Boulanov – Enormemente.

Vychinski – Como se traduzia o interesse particular que ele demonstrava por venenos?

Boulanov – Ele começou a demonstrar tal interesse desde mais ou menos 1934. Repito, cidadão Procurador, que posso testemunhar não apenas de acordo com as conversas, mas também pelos atos dos quais fui informado. Assim, sei que ele tinha ligações estreitas com muitos químicos. Ele deu ordens para construir, ou melhor, para organizar um laboratório.

Vychinski – Para que?

Boulanov – Dizia-se sempre que o laboratório deveria estar sempre à disposição de Yagoda, posto que, em seu arsenal, não havia uma quantidade suficiente de venenos, como meios indispensáveis para seus fins específicos.

Vychinski – Quais fins?

Boulanov – Os que se revelaram posteriormente, de uma maneira muito real.

Vychinski – Quer dizer?

Boulanov – Motivações contra-revolucionárias, com objetivos assassinos. Sei que muitas pessoas foram envolvidas no trabalho. A organização do laboratório foi um fato real. Sei porque ele me havia dado ordens de encontrar um local adequado e de colocar certas pessoas à disposição. Foi o que fiz. Encontrei um lugar e informei a quem de direito. É verdade que nunca fui lá, mas as pessoas envolvidas me disseram que colocaram mão à obra para organizar o laboratório. Além disso, Yagoda me havia prevenido de que era um negócio de tal importância que era preciso destinar às pessoas envolvidas fundos ilimitados e não controlar seu emprego.

Vychinski – O interesse que ele demonstrava pelos venenos estava ligado aos seus planos conspiratórios?

Boulanov – Certamente. Em uma das conversas onde se falava do golpe de estado que eles estavam organizando, Yagoda disse que, para operar o golpe seria forçoso recorrer a todos os meios – ações armadas, provocações e mesmo o veneno. Porque acontece amiúde, dizia ele, que se tenha de agir lentamente e com cuidado e outras vezes, dizia agir rapidamente e de surpresa. O sentido destas palavras era que todos os meios eram bons e que não podíamos nos intimidar no emprego de nenhum.

Vychinski – E que durante o golpe de estado o veneno poderia ter um papel importante?

Boulanov – Ele tinha dito mesmo, lembro-me, um papel “decisivo”.

Vychinski – Uma vez Yagoda afastado de suas funções de Comissário do Povo para Assuntos do Interior, o senhor continuou trabalhando no Comissariado?

Boulanov – Sim, continuei.

Vychinski – Durante muito tempo?

Boulanov – Até minha prisão.

Vychinski – Até quando, mais precisamente?

Boulanov – Até o final de março de 1937.

Vychinski – E quando Yagoda foi afastado?

Boulanov – No fim de setembro de 1936.

Vychinski – O envenenamento foi feito logo após a partida de Yagoda?

Boulanov – A primeira aspersão foi feita em 29 de setembro; a segunda após dois ou três dias e a última, se não me falha a memória... em dezembro. Foram feitas, no total, seis ou sete aspersões.

Vychinski – Seis ou sete aspersões?

Boulanov – Sim.

Vychinski – E o senhor assistiu pessoalmente a quais aspersões?

Boulanov – Lembro-me exatamente. À primeira, segunda, terceira e última. Quatro vezes no total.

Vychinski – E as outras, quem as fez?

Boulanov – Foi Savolainen.

Vychinski – O senhor tinha conhecimento?

Boulanov – Sim.

Vychinski – E quem o instruiu?

Boulanov – Como já disse, a primeira aspersão foi feita por Savolainen na presença de Yagoda e na minha.

Vychinski – E quando foi?

Boulanov – Foi exatamente em 29 de dezembro.

Vychinski – Quer dizer?

Boulanov – Na véspera da partida de Yagoda.

Vychinski – Fora a preparação celerada de envenenamento, perpetrada contra Iejov, o senhor conhece ainda outros crimes do gênero, cometidos por Yagoda e pelo senhor, ou por Yagoda sozinho?

Boulanov – Sim. Estou perfeitamente informado do assassinato de Menjinski, de Gorki e de Pechkov.

Vychinski – Conte-nos o caso brevemente.

Boulanov – A morte de Gorki foi executada por Yagoda, como uma das medidas reais que deveriam permitir a criação de condições de êxito, sob as quais o Golpe de Estado triunfaria. Yagoda dizia que, quando os direitistas se convenceram que Gorki não apenas partilhava inteiramente e sem reservas da política do Partido e do Governo, mas que ele estava associado, com o entusiasmo que lhe era peculiar, à edificação do Estado Socialista; quando eles viram, ouviram e observaram Gorki, que, com uma admiração excepcional, falava sempre que possível, do papel de Stálin na construção do Estado Socialista, foram levados a concluir que, no caso do Golpe de Estado acontecer, Gorki elevaria sua voz contra

eles. Ora, dada a autoridade que Gorki possuía junto a todas as camadas da população na União Soviética, dada a influência excepcional que ele exercia entre os homens cultos e pensadores no estrangeiro, tal revolta – como dizia Yagoda – de Gorki contra o novo poder teria conseqüências excepcionais. Assim eles decidiram eliminar Gorki a tempo. Sei por Yagoda que participaram do crime o doutor Levine, o professor Pletnev e o secretário de Gorki, Krioutchkov. Várias vezes escutei Yagoda, que instruía Krioutchkov a fazer com que Gorki apanhasse frio, pois, no estado em que se encontravam seus pulmões, um resfriado poderia ser cheio de conseqüências; quanto ao resto, Pletnev e Levine se encarregariam. Até onde sei, Yagoda envolveu neste caso e, em geral, nos casos de envenenamento, Levine, utilizando para tanto não sei quais documentos comprometedores contra o último (ignoro quais); sei também que ele agia por corrupção. Por exemplo, eu mesmo instalei a casa de campo da qual o doutor Levine falou aqui. Eu mesmo enviei mais de uma vez a Levine, sob ordens de Yagoda, quando Levine estava no exterior, valores em moeda estrangeira.

Vychinski – A propósito, o senhor lembra-se de quanto o senhor enviou?

Boulanov – Foram duas ou três vezes, temo me enganar; acho que o doutor Levine, que recebia os valores poderá precisar mais, mas posso dizer que se tratavam de mais ou menos 1.000 dólares cada vez. Não garanto a exatidão dos valores, mas era esta a ordem de grandeza. Sob instruções de Yagoda, indicava aos postos de fronteira para que deixassem passar o doutor Levine sem submetê-lo à inspeção aduaneira. Nas palavras de Yagoda, não era preciso convencer Krioutchkov, visto que ele teria interesses próprios, em certa medida, como herdeiro literário – foi assim que compreendi, - na morte de Gorki. Pelo que me disse Yagoda, sei que Krioutchkov, por instrução de Yagoda, trouxe Gorki a Moscou, em uma época do ano pouco favorável, parece, sob o ponto de vista das condições climáticas; que, chegando em Moscou, ele o instalou em um apartamento onde as pessoas estavam gripadas, ou seja, em uma atmosfera em que, dada a fraqueza de Gorki, ele certamente contrairia gripe. Em seguida, como disseram Levine e Pletnev, eles concluíram sua tarefa, aplicando um tratamento contra-indicado. É tudo o que sei sobre o assassinato de Gorki.

Vychinski – Quem deu as indicações diretas para provocar a morte de Menjinski?

Boulanov – Foi Yagoda. Como agravante, devo dizer que, se no caso da morte de Gorki dominavam, como ele dizia, motivos exclusivamente políticos, no segundo caso sei por ele que se tratavam de razões de ordem pessoal.

Vychinski – Quer dizer?

Boulanov – Os motivos pessoais de um homem que deseja, por todos os meios e por todas as vias, fazer carreira, apressar a vacância do posto de Presidente da GPU. Ele considerava, claramente, que, na situação criada, ele seria a única candidatura possível ao cargo de Presidente.

Vychinski – É a sua análise?

Boulanov – É claro, os motivos políticos também tiveram importância. O centro dos direitistas, os conspiradores em geral, tinham grande interesse em ter, na cabeça do organismo punitivo, um homem deles, um de seus líderes, ou seja, criar uma garantia, a possibilidade quase total de esconder inteiramente seu jogo. Mas Yagoda me falou também de motivos de ordem pessoal. Diversas vezes ele sublinhou que, na realidade, Menjinski não trabalhava mais há muito tempo, e que era ele, Yagoda, quem se encarregava de todas as tarefas. Na minha opinião ele colocou os pingos nos “is” em 1933, quando ele falou claramente que ele tinha decidido afastar, que dizer, para ser mais explícito, eliminar Menjinski; que ele havia dado a tarefa ao doutor Levine, mas que ele não a estava desempenhando a contento. A seguir, sei exatamente e por ele mesmo, que ele envolveu o doutor Kazakov, na qualidade de executor direto.

Vychinski – A propósito, o senhor sabe se Kazakov encontrou Yagoda no Comissariado do Povo para Assuntos do Interior, em seu escritório, para tratar do assunto?

Boulanov – Se Yagoda apressou-se em declarar que via Kazakov pela primeira vez, lembro que ele igualmente afirmou que via a mim também pela primeira vez na vida. É evidente que ele esteve com Kazakov, várias vezes. Assim, lembro-me que Kazakov esteve

com Yagoda em seu gabinete. Se não me falha a memória, era um dia de repouso. Não garanto a data.

Vychinski – Permitam-me perguntar a Kazakov. Acusado Kazakov, quando isso se passou?

Kazakov – Em 6 de novembro.

Vychinski – De que ano?

Kazakov – 1933.

Boulanov – Lembro-me que era um dia de repouso. Normalmente não trabalhamos nestes dias, mas naquele estávamos todos na Direção. Que Yagoda tenha visto Kazakov freqüentemente, com Menjinski, é fato concreto. Kazakov vinha amiúde encontrar Menjinski em seu gabinete.

Vychinski – Kazakov freqüentava muito o gabinete de Menjinski?

Boulanov – Sim, ia lá seguidamente.

Vychinski – E Yagoda não podia deixar de vê-lo?

Boulanov – Não. Yagoda viu mais de uma vez Kazakov no gabinete de Menjinski.

Vychinski – Então Yagoda não diz a verdade aqui?

Boulanov – Não, ele não diz a verdade. De onde eu tiraria as declarações de Yagoda de que havia designado para a tarefa – o assassinato de Menjinski – o doutor Kazakov e que ambos a cumpriam; que Kazakov empregava medicamentos tão refinados que eram não somente desconhecidos da medicina, mas que mesmo Kazakov os conhecia pouco, de sorte que seria difícil encontrar rastros deste envenenamento. Foi Yagoda quem me disse. De outra maneira, de onde eu tiraria?

Vychinski – Acusado Yagoda, o senhor ouviu as declarações de Boulanov sobre o envenenamento de Menjinski?

Yagoda – Sim, ouvi.

Vychinski – Frente às declarações que estabelecem sua participação no envenenamento, o senhor segue negando a sua participação?

Yagoda – Não, eu confirmo minha participação.

Vychinski – O senhor confirma?

Yagoda – Sim.

Vychinski – Acusado Boulanov, o assassinato de Pechkov é também obra de Yagoda?

Boulanov – Evidentemente.

Vychinski – Acusado Yagoda, o que o senhor tem a declarar?

Yagoda – Reconhecendo minha participação na doença de Pechkov, solicito à Corte o exame da questão a portas fechadas.

Vychinski – Não vejo inconveniente.

Acusado Boulanov, o senhor nos fez um retrato sinistro dos crimes que consumou, sob direção de Yagoda. Quais são os dirigentes do “bloco direitista-trotskista” que também tomaram parte nestes crimes, segundo o senhor?

Boulanov – Yagoda me havia dito explicitamente que a decisão relativa ao envenenamento de Iejov e à morte de Gorki havia sido tomada por Rykov, Bukhárin...

Vychinski – E Enoukidze?

Boulanov – E Enoukidze, claro.

Vychinski – Em uma palavra, pela cabeça do “bloco direitista-trotskista”?

Acusado Rykov, o senhor estava informado da decisão tomada pelo “bloco direitista-trotskista”, de eliminar fisicamente Máximo Gorki?

Rykov – Não.

Vychinski – E o que o senhor sabe a respeito?

Rykov – Sei da atitude extremamente hostil com relação a Gorki, atitude que durou muitos anos, por parte dos trotskistas e de certos direitistas.

Vychinski – O senhor teve um encontro com Enoukidze, no fim de 1935, sobre o tema?

Rykov – Com Enoukidze? Sim.

Vychinski – Qual foi o assunto?

Rykov – Enoukidze me informou que os trotskistas e os zinovievistas estavam extremamente incomodados com a influência exercida por Gorki, que era partidário decidido de Stálin e da linha geral do Partido. Também, como ele disse, eles julgavam necessário, dada a importância atribuída a Gorki – importância no estrangeiro e entre nós, que não é preciso demonstrar – eles insistiam, como ele disse, na liquidação de sua atividade política.

Vychinski – Por conseqüência, Enoukidze afirmou a necessidade de liquidar a atividade política de Gorki?

Rykov – Sim.

Vychinski – Como e em que sentido?

Rykov – Ele adotou um tom totalmente exaltado, valeu-se de termos tão hostis, que compreendi claramente (era questão sobretudo da fração trotskista-zinovievista), que aquele tom permitia supor o emprego eventual de medidas de violência.

Vychinski – O encontro com Enoukidze o fez concluir que se tratava de liquidar a atividade política de Gorki por quaisquer meios, incluindo medidas violentas?

Rykov – Sim. A rigor poder-se-ia chegar a tais medidas.

Vychinski – E o que significa “chegar até medidas de violência”? Pode-se entender inclusive assassinato?

Rykov – Evidentemente.

Vychinski – Então o senhor estava informado dos preparativos do assassinato de Gorki?

Rykov – Não, em absoluto.

Vychinski – Que o assassinato estava sendo preparado, o senhor sabia?

Rykov – Eu sabia aquilo que falei.

Vychinski – E não era suficiente para a qualificação?

Rykov – Para a qualificação que o senhor fala não é suficiente. Talvez eu tenha subestimado o que Enoukidze dizia.

Vychinski – Subestimado?

Rykov – Talvez não tivesse a opinião ou a convicção de que um atentado se preparava contra a vida de Gorki. Não tinha tal opinião. Expressei meu pensamento de uma maneira menos brutal.

Vychinski – Que a tarefa poderia se apresentar? Dito de outra maneira: a conversa com Enoukidze permitiu-lhe compreender que eles poderiam não recuar do assassinato de Gorki?

Rykov – Em meu encontro com Enoukidze pronunciei-me categoricamente contra tais ataques.

Vychinski – O senhor fala da sua posição, mas perguntei se este era o caso do bloco.

Rykov – Fiz a confissão como um dos participantes do bloco.

Vychinski – É decisão sua confessar ou não.

Rykov – Declarei também ter feito o meu protesto.

Vychinski – Em relação a que?

Rykov – Contra o tom, as expressões, os ataques que vinham de Enoukidze a respeito de Gorki. Como estávamos em uma situação onde a questão só poderia se colocar naquela linha de raciocínio, acho que minha intervenção categórica e meu protesto excluíam tal possibilidade.

Vychinski – Resumo o que o senhor acabou de dizer, para afastar a discussão que poderia surgir sobre esse ponto. Primeiramente, em 1935, o senhor teve um encontro com Enoukidze, que declarou categoricamente que o “bloco direitista-trotskista” insistia na liquidação da atividade política de Gorki.

Rykov – Sim.

Vychinski – Em segundo lugar, o tom, a hostilidade, a ferocidade da conversa levaram à conclusão que, para suprimir a atividade política de Gorki, eles não recuariam de nenhum obstáculo.

Rykov – Isso agora fica claro, se vemos as coisas retroativamente.

Vychinski – E como o senhor concebia naquele então?

Rykov – Disse que subestimei o perigo.

Vychinski – Isso seria caracterizar sua atitude perante o fato consumado; ora, o que me interessa é o fato em si. O senhor confirma que, de acordo com a conversa com Enoukidze, poderia se depreender que, para liquidar a atividade política de Gorki, como ele dizia, não recusariam diante de nada.

Rykov – Eu diria simplesmente que eles poderiam não recusar a utilização de nenhum meio de violência.

Vychinski – Bom. Em terceiro lugar, esta conversa com Enoukidze permitia entender claramente que ele podia valer-se de um ato terrorista contra Gorki.

Rykov – Sim, a questão poderia ser posta assim.

Vychinski – Era evidente. Sente-se por favor.

Presidente (a Boulanov) – O senhor terminou suas declarações?

Boulanov – Sim.

Vychinski – Tenho uma pergunta a fazer a Boulanov. O senhor tem conhecimento de que Yagoda tenha enviado dinheiro a Trotski?

Boulanov – Sim, tenho conhecimento pleno.

Vychinski – Em que ano?

Boulanov – Não sei dizer a primeira vez que Yagoda proveu Trotski com dinheiro. Em 1934 Yagoda me chamou e disse que uma pessoa viria me procurar, à qual eu deveria remeter 20.000 dólares.

Vychinski – 20.000 dólares, porque e para que?

Boulanov – Nunca perguntei a Yagoda. Mande o dinheiro à pessoa em questão.

Quando, no dia seguinte, reporte que a ordem havia sido cumprida, Yagoda me disse que no futuro eu deveria remeter à pessoa em questão as somas que ele me indicasse. Disse-me também que tal pessoa era seu agente de ligação direta com Trotski; que nos últimos tempos Trotski estava precisando de dinheiro e que a soma que eu entregara e que eu entregaria depois iriam diretamente para Trotski. Realmente, o desconhecido apresentou-se, durante o período de 1934-1935, quatro ou cinco vezes; dei-lhe o dinheiro cada vez, naturalmente depois de ter recebido ordens de Yagoda.

Vychinski – Não tenho mais perguntas a fazer.

Presidente – A defesa tem perguntas?

Defensores – Não.

Presidente – Os acusados têm alguma pergunta?

Rykov – Boulanov falou de meus arquivos, encontrados com Yagoda. Gostaria que ele nos colocasse a par desta descoberta, que ele nos dissesse de onde vieram estes arquivos, o que eles continham e como soube de sua existência.

Boulanov – Se eu soubesse o que os arquivos encerravam e suas dimensões, não faltariam respostas a meus camaradas de processo. Infelizmente, não disponho de tais informações. Vejam porque eu falei destes arquivos. Quando Yagoda mudava de um lugar a outro quando da reconstrução do edifício, não me recordo mais em que circunstâncias, mas em todo o caso, entre uma parte dos objetos que permaneceram um longo período no cofre-forte, eu tinha descoberto um maço de documentos. Interroguei Yagoda. Ele me respondeu: Não toque nestes papéis, são os arquivos de Rykov. É suficiente, parece-me, para que eu faça minha declaração.

Presidente – A sessão está suspensa por meia hora.

Oficial da Corte – A Corte! Todos de pé, por favor.

Presidente – Sentem-se, por favor.

Acusado Yagoda, as declarações que o senhor fez à instrução prévia, o senhor as confirma?

Yagoda – Eu confirmo.

Presidente – O que o senhor deseja dizer à Corte, a propósito de seus crimes?

Yagoda – O começo de minha atividade contra-revolucionária remonta a 1928, quando aderi à organização anti-soviética de direitistas. Este ato foi precedido de minhas conversações com Rykov, a quem me ligava por relações pessoais muito amigáveis.

Minha situação na organização tinha algo de particular, principalmente que em minha qualidade de vice-presidente da Direção Política Unificada do Estado – GPU – eu não podia, na época, participar da luta contra-revolucionária aberta dos direitistas; eu era um participante clandestino. O papel que eu desempenhava na organização era conhecido de várias pessoas: Rykov, Bukhárin, Ouglanov, Smirnov A. P. (Foma), Tomski. Na primeira etapa da luta dos direitistas contra o poder soviético, meu trabalho era o seguinte: eu fornecia à organização de direitistas – a Rykov e a Bukhárin – materiais confidenciais da GPU, que eu escolhia cuidadosamente, e que Bukhárin e Rykov utilizavam em sua luta contra o Partido. Em seguida, quando os direitistas passaram à ação clandestina na luta contra o Partido e o poder dos Sovietes, o centro dos direitistas me encarregou de proteger a organização contra uma eventual descoberta. Para tanto tomei, durante alguns anos, todas as medidas úteis para proteger a organização, sua direção, sobretudo, contra uma eventual exposição. Consciente de toda a minha responsabilidade, devo declarar aqui que, se o poder dos Sovietes e os organismos do Commissariado do Povo para Assuntos do Interior não puderam dar conta e liquidar a atividade contra-revolucionária da organização de direitistas e do “bloco de direitistas e trotskistas” antes de 1937-1938, a falha teve origem em meu trabalho de emperrar a máquina do Commissariado. Se o Serviço de Informações Soviético não estivesse infiltrado pelo grupo contra-revolucionário de direitistas e de espões que, graças a mim, foram instalados no aparelho do Commissariado do Povo para Assuntos do Interior, o complô contra o poder dos Sovietes teria sido, indubitavelmente, descoberto em seu germe. A falta que me cabe, eu a reconheço inteiramente diante da Corte Soviética. Tal falta, aqueles que estão sentados a meu lado no banco dos réus e, em primeiro lugar, Rykov e Bukhárin, devem dividi-la comigo. Em 1931, durante o período de florescimento da atividade dos direitistas, quando a tarefa de proteger a organização contra uma queda tornou-se mais importante, os dirigentes do centro dos direitistas exigiram-me que fizesse penetrar na GPU, dando-lhes trabalho de direção, membros ativos da organização de direitistas. Para não fazer afirmações gratuitas, citarei o fato concreto da nomeação de Moltchanov, membro ativo da organização dos direitistas, para o posto de Chefe do Serviço Político Confidencial, que devia empreender a luta contra as organizações de direita e trotskistas. Em 1931 Tomski me havia chamado à sua casa de campo, onde se encontrava também Foma (Smirnov), e me ordenado categoricamente a nomeação. Obedeci. Moltchanov foi nomeado Chefe do Serviço Político Confidencial da GPU. Na mesma ocasião Tomski me havia informado do plano dos direitistas para tomada do poder e do bloco que se anunciava entre trotskistas, zinovievistas e direitistas. Relativamente a tal proposição e, sobretudo, repito, para proteger a organização, eles insistiam na necessidade da nomeação de Moltchanov, membro da referida organização. Foi na mesma época, 1931-1932, que formei, no aparelho da GPU, um grupo de colaboradores direitistas. Faziam parte Prokofiev, Moltchanov, Mironov, Boulanov, Chanine e uma série de outros colaboradores. Em 1932, consoante o plano geral dos direitistas visando a derrubada do poder soviético e à tomada do poder em suas mãos, coloquei-me, sob a indicação de Tomski, em contato com Enoukidze. A indicação não foi por acaso. Na época a idéia central dos direitistas e ponto de partida das atividades da organização era a de um golpe de Estado contra-revolucionário através da tomada do Kremlin. Acho inútil explicar aqui, na Corte, que o simples fato de colocar-se tal opção devia-se à falência da opção de uma sublevação de massas primeiro, de uma sublevação koulak que era, em certa medida, a opção principal durante o período de dificuldade, isto é, em 1930-1931. Terminado 1932, quando a vitória do regime kolkhoziano nos havia tirado toda a possibilidade de trabalhar com a sublevação koulak, a opção pelo que era chamado a “revolução de palácio” tornou-se dominante. Foi isso que fez com que meu papel na organização, o papel de alguém ocupando a vice-presidência da GPU, nas mãos de quem se encontravam os meios técnicos do golpe de Estado, isto é, a guarda do

Kremlin, as unidades militares, etc., passasse ao centro da atenção, e foi por esta exata razão que, por proposta do centro de direitistas, coloquei-me em ligação com Enoukidze (ele ocupava, então, o posto de secretário do Comitê Executivo Central da URSS), um dos dirigentes do trabalho conspirativo dos direitistas. Uma circunstância que ocorreu antes, no começo de 1933, trouxe sérias modificações a nosso plano. Quero falar da chegada ao poder dos fascistas, na Alemanha. Se, até então, a orientação dos direitistas estava baseada na idéia de uma “revolução de palácio” tocada com as próprias forças, depois de 1933 foi adotada a orientação em direção à organização fascista. Antes de responder à questão de saber a que levava concretamente a orientação em direção à Alemanha fascista, tenho a declarar o seguinte: quando dizíamos “revolução de palácio”, entendíamos por isso deter, derrubar a direção do poder soviético e do partido, e após tê-las derrubado, restabelecer as relações capitalistas no país, - o que Bukhárin, durante seu interrogatório, não teve a coragem de declarar com clareza e precisão. Se nós nos colocamos a tarefa da derrubada do poder soviético? A tal questão, respondo afirmativamente. Que regime político e social queríamos nós implantar no país após a derrubada do poder soviético? A esta questão, também, respondo explicitamente: o regime capitalista. Passo à exposição concreta de meus crimes. Eu colocara-me em ligação com Enoukidze, no final de 1931 ou no começo de 1932. No fim de 1932, eu o encontrava sistematicamente; por diversas vezes discuti com ele as questões relativas à “revolução de palácio”. Enoukidze me informou que, no Kremlin, fora criada uma organização militar de conspiradores, pronta, a qualquer momento, para operar o golpe de Estado. Foi também ele que me esclareceu sobre a orientação em direção ao fascismo alemão, que chegara ao poder em 1933. Em 1933 organizou-se e cristalizou-se o centro, o bloco de trotskistas, direitistas e zinovievistas. Soube também que, por intermédio de Rykov, o bloco estava em ligação com os mencheviques e, através de Bukhárin, com os socialistas-revolucionários. Eu me mantinha informado das decisões do centro por Enoukidze. Foi por ele que soube que em janeiro de 1934 se preparava um golpe de Estado com a prisão dos delegados ao XVII Congresso do Partido, que estariam então reunidos. Passo ao trabalho de traição do bloco de direitistas e de trotskistas, a suas ligações com Estados estrangeiros. Primeiramente, devo declarar à Corte que, sob minha proteção, no próprio aparelho da GPU e, mais tarde, do Comissariado do Povo para Assuntos do Interior, existia um grupo de partidários meus, um grupo de espíões de diferentes serviços de espionagem estrangeiros. Eu conhecia a atividade de espionagem de Zaporozjetz, Gai, Volovitch, Pauker, Vinetski e de outros mais, no interesse do complô, eu favorecia o seu trabalho, pois os considerava como uma força preciosa para a consecução de nossos planos de conspiração, sobretudo no que concernia à ligação com os serviços de espionagem estrangeiros. É certo que por intermédio destes espíões os serviços de espionagem estrangeiros estavam informados de minha filiação à organização de direitistas e de meu papel nela. Eles estavam igualmente bem informados sobre a existência e toda a atividade do bloco de direitistas e trotskistas. Os fatos que comprovam a tese, poderei comunicá-los à Corte, a portas fechadas. Foi justamente através de um dos espíões e, particularmente, por Vinetski, que ocupava o posto de inspetor junto a Rykov, no Comissariado do Povo das PTT, que foi organizada a ligação do bloco, e a pessoal de Rykov, com o centro dos mencheviques no estrangeiro, com Nikolaievski. Além deste grupo de espíões no Comissariado do Povo para Assuntos do Interior, eu estava informado também de outras ligações do “bloco de direitistas e trotskistas” com os Estados estrangeiros. Quero falar de Karakhan, participante do complô, com quem eu havia estabelecido ligações em 1935. Ele me introduziu à orientação, em matéria de política externa, do “bloco direitista-trotskista”, sob o mandado de quem ele, Karakhan, travava conversações com os meios fascistas alemães. “Os alemães, dizia ele, ajudarão o bloco a derrubar o poder Soviético”. Karakhan me contou que Trotski desenvolvia desde há muito tempo, entendimentos com os alemães, e que ele estava muito “engajado” (coloco esta palavra entre aspas), tendo-lhes prometido muito em troca de sua ajuda na luta contra os bolcheviques. Trotski havia prometido dar aos alemães a Ucrânia e ao Japão a Província Marítima. O bloco, segundo Karakhan, o havia encarregado de

negociar com os Alemães. “É evidente que será necessário ceder alguma coisa”, dizia Karakhan. Karakhan exigia de mim dados sobre a organização do “bloco de direitistas e trotskistas” na URSS, visando um encontro que ele teria com os meios fascistas alemães. Passei-lhe as informações. Sei que ele teve um encontro com os dirigentes fascistas, que um acordo foi então concluído quanto à ajuda que os alemães dariam ao bloco anti-soviético, mas os detalhes das conversações, ou seja, o preço do acordo, não é de meu conhecimento. Nomearei, na audiência a portas fechadas, as pessoas com as quais ele se encontrou. Chego à atividade terrorista do “bloco direitista-trotskista”, e à minha particularmente. Sem querer atenuar em nenhum ponto minhas faltas, mas simplesmente para estabelecer o verdadeiro estado das coisas, devo declarar à Corte que as tentativas de alguns acusados neste processo, de me fazer passar por um terrorista profissional, são falsas. Não quero e não posso desqualificar nenhuma das acusações que são feitas contra mim no que concerne aos atos terroristas cometidos. Mas desejo apenas sublinhar que nenhum destes atos foi cometido por mim sem uma diretiva do “bloco direitista-trotskista”. Como explicar que meu nome seja, em primeiro lugar, associado a tais atos terroristas? Explica-se muito simplesmente: apenas pelo caráter específico de minha posição na organização de direitistas; explica-se também pelo fato de que, na minha condição de antigo Comissário do Povo para Assuntos do Interior, tinha em minhas mãos, para executar as decisões do centro, mais possibilidades técnicas que os outros membros do bloco. O lado concreto dos atos terroristas cometidos sobressai claramente dos interrogatórios que se desenrolaram durante o processo. Quero me ater ao lado político da questão. Primeiramente o assassinato de Kirov. Como as coisas se passaram? Em 1934, no verão Enoukidze informou-me da decisão tomada pelo centro do “bloco direitista-trotskista” com relação à organização do assassinato de Kirov. Rykov havia tomado parte diretamente desta decisão. A comunicação me fez saber com toda a evidência que os grupos terroristas trotskistas-zinovievistas preparavam concretamente o assassinato. Inútil dizer aqui que tentei levantar objeções: produzi toda uma série de argumentos sobre a inutilidade, a gratuidade deste ato terrorista. Formulei mesmo o argumento de que, por um ato terrorista cometido contra a pessoa de um membro do Governo, eu seria o primeiro a ser responsabilizado, pois era o responsável da salvaguarda dos membros do Governo. É desnecessário dizer que minhas objeções não foram levadas em conta, que elas não tiveram nenhum efeito. Enoukidze insistia para que eu não interpusesse obstáculos, e o ato terrorista seria, dizia ele, perpetrado por um grupo trotskista-zinovievista. Conseqüentemente fui obrigado a recomendar a Zaporozetz, que ocupava o posto de Chefe-Adjunto da Seção do Comissariado do Povo para Assuntos do Interior, em Leningrado, a não atrapalhar a execução do ato terrorista contra a pessoa de Kirov. Depois de algum tempo, Zaporozetz informou-me que os organismos do Comissariado haviam prendido um certo Nikolaiev, que tinha sido encontrado portando um revólver e o itinerário de Kirov. Nikolaiev foi colocado em liberdade. Pouco tempo depois Kirov foi assassinado pelo próprio Nikolaiev. Assim, declaro categoricamente que o assassinato de Kirov foi realizado por decisão do centro do “bloco direitista-trotskista”. Foi por decisão deste mesmo centro que foram cometidos os atos terroristas e que foram assassinados Kouibychev, Menjinski e Gorki. Como as coisas se deram, aqui? Antes do assassinato de Kirov, morrera o filho de Gorki, Máximo. Já declarei perante a Corte que reconheço ter cooperado para fazer com que Max adoecesse, e solicito, pela segunda vez, dar minhas explicações sobre o tema na audiência a portas fechadas.

Vychinski – A propósito, tenho apenas uma questão a fazer. O senhor se reconhece culpado, como diz, da doença de Pechkov?

Yagoda – Todas as explicações relativas a esta questão darei à audiência da Corte, a portas fechadas.

Vychinski – Bem, mas o senhor se reconhece culpado da morte de Pechkov?

Yagoda – Digo explicitamente: todas as explicações acerca disso serão fornecidas à audiência da Corte, a portas fechadas.

Vychinski – O senhor se reconhece culpado ou não?

Yagoda – Permita-me não responder à pergunta.

Presidente (ao procurador) – O senhor se opõe a que a questão relativa à morte de Pechkov seja dada à seção fechada da Corte?

Vychinski – Não, desde que seja possível comunicar os resultados dos esclarecimentos na audiência pública.

Presidente – A Corte decide atender à demanda do acusado Yagoda; a questão da morte de Pechkov será remetida à seção fechada.

Acusado Yagoda, continue.

Yagoda – Na época foi cometido o assassinato de Menjinski. Eu nego ter sido guiado por considerações de ordem pessoal, no assassinato de Menjinski. Eu desejava o posto de chefe da GPU não por considerações de ordem pessoal, não por uma questão de carreira, mas no interesse de nossa organização de conspiradores. A decisão do centro relativa a esta questão me foi comunicada pessoalmente por Enoukidze. Os médicos haviam sido empregados em dois casos, o que dava garantia total quanto à impossibilidade de serem descobertos. Quando Enoukidze me transmitiu a decisão do centro de contato quanto ao assassinato de Kirov, eu exprimira minha crença de que um ato terrorista direto poderia não apenas me expor, como também expor toda a organização. Mostrei a Enoukidze um procedimento menos perigoso e lembrei-lhe como Menjinski havia sido levado à morte com o concurso de médicos. Enoukidze respondeu que o assassinato de Kirov deveria ser levado adiante da maneira como havia sido decidido, que os trotskistas e zinovievistas estavam se encarregando do assassinato, e que nossa tarefa era de não incomodá-los. No que concerne ao modo de assassinato sem risco, com a ajuda de médicos, Enoukidze disse-me que, aos poucos, o centro decidiria quais eram os dirigentes do Partido e do Governo que deveriam ser assassinados em primeiro lugar por este método. Com efeito, depois de pouco tempo, quando de meu encontro seguinte com Enoukidze, ele informou-me que o centro havia decidido perpetrar uma série de atos terroristas contra os membros do Birô Político, e também contra a pessoa de Máximo Gorki. Eu entendia a decisão quanto a Kouibychev, mas não podia absolutamente compreender a necessidade de cometer um ato terrorista contra a pessoa de Gorki. Enoukidze me explicou que o “bloco direitista-trotskista”, tendo por perspectiva imediata a derrubada do poder Soviético, via em Gorki uma figura perigosa. Gorki era um partidário inquebrantável da direção stalinista e, certamente, no caso do complô realizar-se, ele elevaria sua voz para protestar contra nós, conspiradores. Levando em conta a imensa autoridade de Gorki no interior e no exterior do país, o centro, nas palavras de Enoukidze, havia categoricamente tomado a decisão de suprimir fisicamente Gorki. Diante de minha recusa categórica, Enoukidze ordenou-me que eu mandasse Levine encontrá-lo. Foi o que fiz. E após o regresso de Levine, confirmei a ordem que ele havia recebido de Enoukidze. Em seguida tive eu mesmo numerosos encontros com Levine e, por sugestão dele, convoquei Pletnev. Declaro que Rykov, Bukhárin e os outros que estão aqui, sentados no banco dos réus, têm inteira responsabilidade sobre tais atos terroristas. Declaro que os atos foram realizados por decisão deles. Como a coisa foi feita, os médicos dirão melhor que eu.

Há ainda um fato sobre o qual eu quero chamar a atenção da Corte. É a tentativa do grupo de conspiradores de envenenar Iejov. Depois da nomeação de Iejov ao cargo de Comissário do Povo para Assuntos do Interior, ficou perfeitamente evidente que toda a atividade de nosso grupo, como também do “bloco direitista-trotskista” seria descoberta. Iejov já havia começado a por em debandada os quadros da conspiração e, naturalmente, ele podia chegar até o centro do bloco e, particularmente, a mim. Então, para salvar nossa organização, para salvar Rykov, Bukhárin e os outros, nós decidimos matar Iejov. Foi Boulanov quem procedeu ao envenenamento – ele já contou isso aqui. Eu nego certas passagens de suas declarações, mas elas não mudariam nada nos fatos, não mudariam nada de fundo. Não nego mais ter enviado, sob ordens de Enoukidze, dinheiro a Trotski, por intermédio de Mirov-Abramov. São estas as informações que julguei úteis de trazer ao conhecimento da Corte.

Presidente – O senhor tem perguntas, camarada procurador?

Vychinski – Certamente. Assim, então, se fizéssemos o balanço de suas declarações, poderíamos dizer: Primeiramente que o senhor se reconhece culpado de ter participado, desde há muito tempo, na ação clandestina dos direitistas.

Yagoda – Sim.

Vychinski – Em segundo lugar que o senhor se reconhece culpado por ter sido um dos dirigentes do “bloco clandestino direitista-trotskista”?

Yagoda – Sim, reconheço.

Vychinski – Em terceiro lugar que, com este bloco, o senhor estabeleceu como objetivo a derrubada do poder Soviético e o restabelecimento, na URSS, do capitalismo?

Yagoda – Sim, reconheço. Havia a tarefa de apoderar-se do Kremlin.

Vychinski – Que os senhores haviam escolhido, como meio de derrubada, a insurreição, principalmente no momento de guerra? É certo isso?

Yagoda – Não. A insurreição armada era uma coisa absurda. Só estes falastrões poderiam falar nisto.

Vychinski – E o senhor, em que pensava, então?

Yagoda – Em uma revolução de palácio.

Vychinski – Ou seja, em um golpe de Estado, pela violência, levado a cabo por um grupo restrito de conspiradores?

Yagoda – Sim, como eles mesmos pensavam.

Vychinski – Os senhores pensavam fazê-lo coincidir com uma agressão de Estados estrangeiros à URSS ou tinham diversas variantes.

Yagoda – Havia uma só hipótese: tomar o Kremlin. O momento não tinha importância.

Vychinski – Os senhores levavam em conta a utilidade de, em caso de guerra, preparar e garantir a derrota da URSS?

Yagoda – O bloco era desta opinião que sim, logo, eu também.

Vychinski – O senhor se reconhece igualmente culpado de espionagem?

Yagoda – Não, não me reconheço culpado de espionagem.

Vychinski – Mas o senhor mesmo disse que vários espíões trabalhavam sob sua proteção.

Yagoda – Isto eu reconheço.

Vychinski – O senhor sabia que eles eram espíões?

Yagoda – Sim, eu sabia.

Vychinski – O senhor sabia que eles desempenhavam funções de espíões?

Yagoda – Sim, eu sabia.

Vychinski – Então o senhor os ajudava?

Yagoda – Eu respondo por estes espíões na mesma medida em que ...

Vychinski – Volovitch era um espíão?

Yagoda – Sim.

Vychinski – O senhor responde por Volovitch?

Yagoda – Como Rykov responde por Charangovich.

Vychinski – Nós falaremos deles. No momento falo do senhor. O senhor reconhece que, sob suas asas, encontrava-se todo um conjunto de espíões alemães e poloneses? Isto é exato ou não?

Yagoda – Sim.

Vychinski – O senhor conhecia as suas atividades de espionagem e as acobertava?

Yagoda – Sim.

Vychinski – Eu considero que a partir do momento em que o senhor acobertava-lhes as atividades de espionagem, então o senhor os ajudava, o senhor prestava-lhes o seu concurso.

Yagoda – Não, eu não me reconheço culpado. Se eu fosse um espíão asseguro-lhe que dezenas de Estados seriam obrigados a dissolver seus serviços de segurança.

Vychinski – Isto seria um problema deles.

Volovitch era um espião?
Yagoda – Eu já disse que sim.
Vychinski – O senhor sabia?
Yagoda – Sabia.
Vychinski – O senhor ordenou a sua prisão, enviou-lhe para a execução?
Yagoda – Não.
Vychinski – Os espiões que o senhor eventualmente descobrisse, seria seu dever mandá-los prender, mandá-los executar?
Yagoda – Isso sim.
Vychinski – Então, o senhor não o fez, ou seja, o senhor ajudou-os a trabalhar como espiões.
Yagoda – Eu os acobertei.
Vychinski – O senhor os ajudou?
Yagoda – Eu teria ajudado se eu houvesse reunido materiais e lhes tivesse entregado.
Vychinski – Mas o senhor sabia que eles transmitiam materiais?
Yagoda – Nem sempre.
Vychinski – Mas às vezes o senhor sabia.
Yagoda – Sabia.
Vychinski – Então eles transmitiam materiais aos serviços de espionagem estrangeiros com o seu conhecimento.
Yagoda – Não.
Vychinski – O senhor estava informado de que eles transmitiam materiais aos serviços de espionagem estrangeiros?
Yagoda – Incontestavelmente.
Vychinski – A partir do momento em que o senhor estava informado, eles faziam com o seu conhecimento.
Yagoda – Sob minha proteção.
Vychinski – Bem, sob sua proteção quanto ao que eles faziam, sobre o que o senhor estava informado, não é verdade?
Yagoda – Sim.
Vychinski – O senhor se reconhece igualmente culpado de ter colocado, por ordens do bloco, fundos do Estado à disposição de Trotski?
Yagoda – Reconheço-me culpado.
Vychinski – E o senhor se reconhece culpado de ter organizado e realizado atos terroristas, primeiramente o assassinato do camarada Kirov, sob a direção e proposição do bloco?
Yagoda – Eu me reconheço culpado de cumplicidade neste assassinato.
Vychinski – E o senhor se reconhece culpado de cumplicidade no assassinato ou na preparação da morte de Menjinski?
Yagoda – Sim, eu me reconheço culpado.
Vychinski – O senhor se reconhece culpado de ter organizado o assassinato de Kouibychev?
Yagoda – Sim, eu me reconheço culpado.
Vychinski – O senhor se reconhece culpado de ter organizado o assassinato de Máximo Gorki?
Yagoda – Sim, eu me reconheço culpado.
Vychinski – Não tenho mais perguntas.
Presidente – A defesa tem perguntas a fazer?
Defensor Kommodov – O acusado Yagoda confirma as declarações feitas à instrução prévia no que concerne a seus encontros com Pletnev?
Yagoda – Sim.
Kommodov – Igualmente no que concerne aos encontros com Kazakov?
Yagoda – Eu já os confirmei.

Kommodov – Não tenho mais perguntas.

Defensor Braude – De quem foi a idéia da morte por doença?

Yagoda – Já disse, de Enoukidze.

Braude – Permita-me perguntar: por quais métodos o senhor obteve o consentimento de Levine para a execução destes atos terroristas?

Yagoda – Para todos os efeitos, pelos métodos que ele relatou aqui.

Baude – O senhor mesmo falou deles, com detalhes, durante o inquérito. O senhor confirma suas declarações sobre o tema?

Yagoda – Elas são exageradas, mas isto não tem importância.

Braude – Não tenho mais perguntas.

Presidente – Os acusados têm perguntas a fazer ao acusado Yagoda?

Rykov – Quero fazer a mesma pergunta sobre os arquivos dos quais falou Boulanov.

Yagoda – Eu não tinha nenhum arquivo de Rykov.

Vychinski – Eu tenho uma pergunta a Boulanov. De quais arquivos de Rykov em poder de Yagoda o senhor falou?

Boulanov – Eu disse nas minhas declarações à Corte. Repito. Quando da mudança de um local a outro, mudança da qual participei, descobri diversos documentos de ordem pessoal, não recordo quais, mas estava claro que eram papéis pessoais de Alexei Ivanovitch Rykov. Perguntei a Yagoda, ele me confirmou. O que eram estes papéis, quantos havia? Disse e repito: não sei de nada.

Yagoda – Permitam-me uma pergunta. Talvez você se lembre de pelo menos um documento, diga um.

Boulanov – Se eu lembrasse já teria dito.

Yagoda – É muito estranho. Um homem resolve que se tratam dos arquivos de Rykov, mas segundo quais papéis? Segundo apenas o sobrenome, talvez?

Boulanov – A isto não posso responder senão uma coisa. Naquela época, Yagoda não duvidava nem um segundo da minha capacidade de orientação, de captar as coisas muito rapidamente e em quaisquer circunstâncias. O motivo pelo qual ele nega agora uma coisa que me parece evidente, eu ignoro. Eu disse o que sabia e o que julgava necessário dizer.

Yagoda – Em todo o caso, se houvessem arquivos, comparados aos outros crimes, os arquivos seriam bagatelas.

Vychinski – Diga-nos, acusado Yagoda, se em suas atividades criminosas o senhor acobertou os mencheviques.

Yagoda – Os mencheviques? Em que período?

Vychinski – Em 1935, a atividade clandestina criminosa dos mencheviques.

Yagoda – De acordo com as minhas informações, os mencheviques não desempenhavam um papel particularmente ativo.

Vychinski – Eles desempenhavam algum papel?

Yagoda – Quase nenhum.

Vychinski – Então, de qualquer maneira eles desempenhavam algum papel?

Yagoda – O mais insignificante.

Vychinski – Mas o senhor encobria este papel dos mencheviques, mesmo sendo insignificante?

Yagoda – Não poderei responder-lhe a pergunta.

Vychinski – Permitam-me apresentar ao acusado Yagoda suas declarações, tomo segundo, página 135. “Pergunta: Um documento dos materiais do Comissariado do Povo para Assuntos do Interior lhe é apresentado, sobre o trabalho do centro menchevique no estrangeiro e sobre seu trabalho ativo na URSS”. O senhor recorda-se deste fato?

Yagoda – Sim, eu sei, mas não poderei responder aqui.

Vychinski – Mas eu não quero que o senhor me responda aqui. Sobre este documento foi colocada, em novembro de 1935, a seguinte resolução: “Há muito tempo que este não é mais um partido; não vale a pena ocupar-se disso.” “Resposta: Sim, fui eu quem escreveu a resolução”. Depois vêm suas explicações: “Esta é uma prova da maneira com que eu protegi,

contra uma queda, aos mencheviques, como eu afastei deles os golpes que lhes estavam destinados, pois eles estavam em contato com os direitistas.” O senhor confirma?

Yagoda – Sim.

Vychinski – Então podemos concluir que os direitistas estavam em contato com os mencheviques no terreno da ação clandestina, e que o senhor encobria o trabalho clandestino deles, o senhor desviava os golpes, um após o outro? Era assim?

Yagoda – Não exatamente.

Vychinski – E como então? O senhor confirma estas declarações?

Yagoda – Confirmando minhas declarações, mas, para explicar-lhe, devo falar sobre este documento.

Vychinski – Sei. Suas declarações são exatas?

Yagoda – Minhas declarações são exatas.

Vychinski – Conseqüentemente foi esta, como o senhor declarou, a sua prática?

Yagoda – Foi.

Vychinski – Por conseguinte, em sua prática, o senhor protegeu os mencheviques de uma queda? Foi isso?

Yagoda – Exatamente.

Vychinski – Foi isso que lhe perguntei. Agora diga-nos, por favor, qual foi o papel, segundo suas informações, dos acusados Rykov e Bukhárin na morte de Máximo Gorki?

Yagoda – Segundo o que me disse Enoukidze, sei que eles participaram do exame da questão.

Vychinski – No que toca a Rykov nós já esclarecemos a questão. Rykov reconheceu que durante um encontro com Enoukidze eles examinaram a possibilidade de um ato terrorista. Desejaria interrogar Bukhárin sobre o assunto.

Bukhárin – Eu não tive nenhum envolvimento.

Vychinski – Não fiz ainda a pergunta e o senhor já quis responder.

Bukhárin – O senhor disse que queria me interrogar sobre o assunto.

Vychinski – Disse que queria interrogar o senhor, mas não formulei a pergunta, e já quase tenho a resposta.

Quero perguntar-lhe o seguinte: qual era a atitude de Gorki com relação a Trotski?

Bukhárin – Totalmente negativa.

Vychinski – E o senhor sabe qual era a atitude de Trotski com relação a Gorki?

Bukhárin – Da mesma maneira, totalmente negativa. Quer que eu exponha com maiores detalhes?

Vychinski – Não, não será necessário no momento. Desejo interrogar Bessonov. Acusado Bessonov, o senhor confirma que a atitude de Trotski com relação a Gorki era totalmente negativa?

Bessonov – Sim, confirmo.

Vychinski – Baseado em que?

Bessonov – No que disse Trotski em um encontro pessoal comigo.

Vychinski – O senhor confirma sua declaração à Corte, de que Trotski havia transmitido através do senhor a diretiva de suprimir fisicamente Gorki?

Bessonov – Sim, eu transmiti esta diretiva de Trotski a Piatakov.

Vychinski – Trotski havia escolhido Piatakov como um dos chefes do bloco? Isto é correto?

Bessonov – Sim.

Vychinski – O senhor estava ligado a Piatakov em seu trabalho clandestino de conspiração?

Bessonov – Exato.

Vychinski – Acusado Bukhárin, o senhor tinha conhecimento que esta atitude de hostilidade para com Gorki era não apenas de Trotski, mas também dos trotskistas?

Bukhárin – Sim, evidentemente, pois Trotski e os trotskistas formavam uma coisa só, os conspiradores obedeciam de maneira militar.

Vychinski – O senhor sabia que esta atitude negativa quanto a Gorki, da parte dos trotskistas, tinha uma forma específica?

Bukhárin – O senhor deseja falar do encontro que tive com Tomski?

Vychinski – Se for uma prova do que nós estamos tratando.

Bukhárin – Eu tive um encontro com Tomski.

Vychinski – Onde ocorreu este encontro, quando?

Bukhárin – Em 1935 Tomski me informara que Trotski preparava uma ação ou um ato de hostilidade contra Gorki.

Vychinski – O senhor soube por Tomski que Trotski preparava um ato de hostilidade contra Gorki e não perguntou de onde ele havia tirado isso?

Bukhárin – Não. Supus que ele havia sido informado pelos membros trotskistas do bloco.

Vychinski – Ele não lhe disse porque os trotskistas preparavam esta ação ou este ato de hostilidade contra Gorki?

Bukhárin – Não, ele não disse. Ele falou que era uma ação contra o “stalinista Gorki”, como defensor da edificação socialista em geral e da política de Stálin no partido em particular. Acho que se tratava aqui da grande ressonância que tinha cada palavra de Gorki na arena internacional em geral, entre os intelectuais particularmente.

Vychinski – Tomski não falou sobre isso em relação à questão da derrubada do Poder Soviético?

Bukhárin – Não, cidadão procurador.

Vychinski – O senhor lembra-se bem?

Bukhárin – Sim, lembro-me bem.

Vychinski – Permitam-me retomar o que disse Bukhárin, na instrução prévia, tomo 5, página 117. “Os trotskistas, disse-me Tomski, justificavam sua posição da seguinte maneira: se nos puséssemos seriamente a questão da derrubada da direção stalinista, não podíamos deixar de levar em conta o fato de que, na pessoa de Máximo Gorki, a organização direitista-trotskista encontraria um adversário ativo e influente. Tomski me falou que os trotskistas insistiam vivamente em sua posição e em que ela se concretizasse.

Bukhárin – Veja bem, cidadão procurador, perguntaram-me qual a significação eu atribuía a estas breves observações de Tomski e qual impressão me restara deste encontro: eu também a expus mais detalhadamente, acrescentei que esta era a minha impressão, da qual eu me recordava quando me interrogaram sobre meu encontro com Tomski.

Vychinski – Diga-me, a execução de um ato de hostilidade contra Gorki era relacionado, por Tomski à questão da derrubada do Governo Soviético?

Bukhárin – No fundo, sim.

Vychinski – No fundo ele relacionava?

Bukhárin – Já respondi: sim.

Vychinski – É no fundo que me interessa.

Bukhárin – Mas o senhor me interrogou concretamente...

Vychinski – Seu encontro com Tomski deu-lhe condições de estimar que o ato de hostilidade contra Gorki teria relação com a derrubada de direção stalinista?

Bukhárin – Pode-se dizer que no fundo sim.

Vychinski – Por conseguinte, o senhor sabia que se tratava de um ato de hostilidade contra Gorki?

Bukhárin – Sim.

Vychinski – De que ato de hostilidade se tratava, segundo o senhor?

Bukhárin – Naquele momento eu realmente não imaginei, não tive a menor idéia...

Vychinski – Diga, em que o senhor pensou?

Bukhárin – Em não pensei em quase nada.

Vychinski – Mas tratava-se de coisa séria? Do que se tratava?

Bukhárin – Permita-me explicar em duas palavras. Agora, de repente, neste processo, posso dizer...

Vychinski – Não neste processo, mas durante um encontro que o senhor teve com Tomski.

Bukhárin – Aquela foi uma conversa breve, uma conversa tênue durante uma reunião do Birô Político, que durou apenas alguns segundos.

Vychinski – Não me interessa saber quanto durou a conversa, o senhor poderia ter conversado com Tomski durante uma hora, em qualquer lugar, em qualquer canto, sua argumentação não teria importância. O que importa são os fatos que eu devo esclarecer. Ora, os seguintes fatos tiveram lugar: Em 1935, no começo de 1935 (se o senhor falou a verdade no inquérito) o senhor encontrou-se com Tomski. Ele comunicou-lhe que o grupo trotskista-zinovievista do “bloco direitista-trotskista” planejava um ato de hostilidade contra Gorki, como partidário da direção stalinista. Está correto?

Bukhárin – Pode-se formular assim.

Vychinski – Isto é fato?

Bukhárin – É fato.

Vychinski – Como o senhor avaliou esta comunicação?

Bukhárin – Eu não dei atenção.

Vychinski – O senhor não deu atenção?

Bukhárin – Não.

Vychinski – Quando se fala em ato de hostilidade, pode-se compreender também atos sérios, inclusive atos terroristas?

Bukhárin – Sim, desde uma declaração à imprensa, uma conversação desagradável até um ato terrorista, a amplitude é muito grande.

Vychinski – E qual era naquele momento sua atitude a respeito?

Bukhárin – Eu não tive nenhuma conversa sobre isso, não havia nada, naquele momento, em meu espírito.

Vychinski – Foi então uma declaração insignificante, a ponto de que não valia a pena deter-se nela?

Bukhárin – Foi uma observação fugidia.

Vychinski – Admitamos. Disseram-lhe que um ato de hostilidade se preparava contra Gorki...

Bukhárin – Vejamos como isso aconteceu. Eu já formulei seriamente a coisa no inquérito, pois eu desejava me lembrar se aquele instante da nossa conversa podia projetar alguma luz sobre os materiais de que dispunha o inquérito. E é sob o ângulo destes materiais que tudo tomou forma precisa. Mas naquela ocasião eu não pensei sobre isso, eu nem sonhava com o sentido que podia ser dado à conversa.

Vychinski – Não estava excluída a possibilidade de que, naquele momento, preciso se tratasse da supressão física, do assassinato de Gorki?

Bukhárin – Agora estimo que não estivesse excluída.

Vychinski – Ou seja, o que Tomski dizia fazia entender de que se tratava de um atentado terrorista contra Gorki?

Bukhárin – Atualmente digo que sim.

Vychinski – Mas na ocasião o senhor não compreendeu assim?

Bukhárin – Na ocasião eu não compreendi absolutamente nada.

Vychinski (dirigindo-se à Corte) – Não tenho mais perguntas.

Presidente (dirigindo-se aos acusados) – Alguém tem perguntas a formular a Yagoda?

Rykov – Yagoda falou aqui de Vinetski, como alguém que teria sido meu cúmplice e que teria servido de ligação entre mim e não sei quem mais. Peço que me digam como souberam e quem é Vinetski, se Yagoda soube isso de Vinetski ou de outra fonte. Pessoalmente, nunca recebi nenhum inspetor.

Yagoda – Vinetski é inspetor de ligação no Comissariado do Povo das PTT e, ao mesmo tempo, inspetor de ligação no Comissariado do Povo para Assuntos do Interior. Um dia ele me telefonou para me dizer que Rykov havia lhe solicitado que levasse um envelope a Nikolaevski, no exterior, e se ele podia fazê-lo. Disse-lhe: Fale com Rykov, se ele lhe

entregar, apanhe. Donde concluí que Vinetski era agente de ligação entre Nikolaevski e Rykov.

Presidente (a Vychinski) – O senhor tem alguma pergunta?

Vychinski – Não.

Presidente – A Corte também não tem perguntas. Sentem-se, por favor.

Passemos ao interrogatório do acusado Krioutckhov.

Acusado Krioutckhov, tendo o senhor confirmado suas declarações à instrução prévia, conte-nos brevemente seus crimes.

Krioutckhov – Confirmei inteiramente minhas declarações. Matei traiçoeiramente Máximo Gorki e seu filho, Máximo Pechkov. As duas mortes, as cometi por orientação de Yagoda e sob o império de suas ameaças.

Quando Yagoda me encarregou de matar Pechkov, ele me anunciou o golpe de Estado e projetou o papel que ele cumpriria. Aceitando a missão eu me tornaria partícipe da organização contra-revolucionária dos direitistas. Não posso esconder da Corte aquilo que eu já declarei anteriormente à instrução prévia, que meus interesses pessoais coincidiam e se encadeavam com os fundamentos políticos do crime. Acusando Yagoda não desejo nem um pouco diminuir minha culpa. Decidi destruir a saúde de Máximo Gorki depois de grandes hesitações. Quanto a Pechkov, eu estava pessoalmente interessado em sua morte, presumindo que eu restaria como única pessoa próxima de Gorki e que, em conseqüência, sua importante herança literária me seria legada, com o que obteria um futuro com recursos e uma situação independente. Conheci Yagoda em 1928. Foi em 1931 que nossas relações se estreitaram, Em 1932 nossos encontros tornaram-se mais freqüentes. Yagoda conversava amiúde comigo sobre Gorki, seu papel político, sua proximidade do Partido e de Stálin. Falávamos do trabalho que fazia Pechkov com Gorki. Yagoda sondava também meu estado de espírito político. Eu não tinha fé nem na industrialização nem na coletivização do país. Em 1932 Yagoda me fez várias alusões, no curso de nossas conversas, que ele sabia que eu vivia muito bem e que gastava somas bastante grandes com minhas necessidades pessoais.

Vychinski – De onde provinham tais somas?

Krioutckhov – Eu dilapidava grandes somas pertencentes a Gorki, de quem eu dispunha da total confiança. Isso me colocava, em certa medida, na dependência de Yagoda. Eu temia que ele denunciasse minhas dilapidações. Yagoda me utilizou para penetrar na intimidade de Gorki. Eu o ajudei em tudo. No começo de 1933, Yagoda me disse, durante uma conversa, que Máximo Gorki poderia morrer em breve, que ele estava envelhecendo e que depois de sua morte seria seu filho Max que disporia de sua herança literária. Você, que é habituado a viver bem, me disse Yagoda, não passará de um serviçal da casa. Esta observação me atirou em um problema, isso que ele assinalou. A conversa ficou assim. Em 1933, acho que na primavera, Yagoda retomou a conversa, esta da qual falei hoje, e me propôs claramente suprimir, ou mais exatamente, assassinar Máximo Pechkov. Ele me falou mais ou menos o seguinte: Não se trata de Máximo Pechkov, é preciso reduzir a atividade de Gorki, que incomoda “altas personalidades”: Rykov, Bukhárin, Kamenev, Zinoviev. Esta conversa aconteceu no gabinete de trabalho de Yagoda. Ele me falou também do golpe de Estado contra-revolucionário. Até onde me lembro, ele me disse que haveria em breve, na URSS, um novo poder, que responderia inteiramente às minhas opiniões políticas. Ora, a atividade política de Gorki era um entrave ao golpe de Estado, daí a necessidade de reduzi-la. “O senhor sabe como Máximo Gorki ama seu filho Max e que ele deposita grandes forças neste amor”, disse-me ele. Eu lhe respondi que não tinha a menor intenção de incomodá-lo, a ele, Yagoda, e perguntei-lhe o que deveria fazer. Ele respondeu: “Suprimir Pechkov”, e acrescentou que a morte dele deprimiria Gorki, fazendo dele um velho inofensivo. Continuando a conversa ele me disse: Sua tarefa é bem simples, faça Pechkov beber. Falei com o doutor Vinogradov e sei que o álcool lhe é funesto. Fui surpreendido ao saber que ele havia tratado do assunto com Vinogradov, e lhe exprimi minha surpresa. A isto ele me respondeu que o doutor Vinogradov e o doutor Levine

participavam da coisa. Aceitei a missão e pus-me a preparar a morte de Pechkov. Eu o fiz beber. Devo dizer que recebia a bebida de Yagoda diretamente e em grande quantidade. Entretanto, o organismo robusto de Pechkov resistia. Até que em 1934 Yagoda insistiu para que eu acelerasse a coisa e me aconselhou que fizesse Pechkov tomar frio. “Trate de fazê-lo deitar na neve”, disse-me Yagoda. Em março ou abril, pouco antes da grave doença de Pechkov, agi assim, mas ele se safava com um simples resfriado. Em 2 de maio eu primeiro embriaguei Pechkov, e, como o doutor Levine declarou aqui hoje, eu deixei-o dormindo algumas horas em um banco do jardim. O dia estava fresco e Pechkov caiu doente. Em 11 de maio ele morreu. No dia 3 à noite ele me disse que não estava se sentindo bem e tirou a temperatura. Estava com 39,5. Apesar disso eu não chamei o médico. Recomendei a ele que se cobrisse bem e que tomasse um pouco de vodka. Olympiada Tchertkova, a enfermeira e amiga fiel de Gorki, inquietou-se muito e exigiu que se fizesse vir um médico imediatamente. Disse que poderíamos esperar até a manhã, e pela manhã chamei Levine. Levine diagnosticou uma gripe leve. Em seguida, chamando-me de lado, disse-me que enfim eu havia conseguido meu objetivo. Fiquei um pouco surpreso com estas palavras, pois de onde ele podia saber de minha participação no crime! Eu havia chegado a falar com ele sobre a saúde de Pechkov, mas jamais havia falado abertamente, como cúmplice. Depois de alguns dias o doutor Badmaiev veio por casualidade visitar Gorki, e auscultou Pechkov, diagnosticando imediatamente uma broncopneumonia. Ele perguntou admirado se ninguém o havia auscultado. Quando Pechkov soube que estava com uma broncopneumonia ele chamou pelo doutor Speranski, que vinha amiúde à casa de Gorki. Speranski não era o médico de família, mas Gorki o amava e admirava muito este eminente sábio. Avisei Levine, que me disse: Em hipótese alguma chame Speranski. Acrescentou que ele viria logo, ele e o doutor Vinogradov. Realmente, à noite Levine trouxe o doutor Vinogradov. Este, sem ter visto o paciente, trouxe alguns remédios. Lembro-me de uma discussão entre Olympiada Tchertkova e Vinogradov porque ele tinha medicado Pechkov sem passar por ela. Ela cuidava permanentemente dos familiares de Gorki e exigia que tudo passasse por suas mãos. Fez com que dessem a Pechkov medicamentos da farmácia da casa de Gorki. Em 7 ou 8 de maio Pechkov sentiu-se melhor. Informei Yagoda que, indignado, me disse: “Droga! Eles sabem fazer morrer homens fortes, mas não sabem virar-se com um doente.” Sei que depois disso Yagoda falou com o doutor Vinogradov, que propôs que Pechkov bebesse champanhe. Levine salientou que o champanhe faria bem ao doente, que estava deprimido. Demos champanhe a Pechkov, o que causou-lhe diarreia, além da temperatura elevada que ele tinha. Quando a diarreia apareceu, Vinogradov em pessoa deu uma purgação ao doente, lembro-me perfeitamente, e saindo do quarto, disse: “Até um leigo sabe que não se pode fazer uma purgação com tamanha febre.” A consulta de diversos médicos, que ocorreu por iniciativa de Gorki, preconizou o tratamento de choque, segundo o método de Speranski, mais os doutores Vinogradov, Levine e Pletnev se opuseram categoricamente, dizendo que era preciso esperar um pouco mais. Na noite do dia 11, quando Pechkov já estava moribundo e a cianose havia aparecido, foi decidido o emprego do método de Speranski, mas ele mesmo declarou que era muito tarde, que seria inútil. Assim, Máximo Pechkov morreu em 11 de maio, Já declarei que estava pessoalmente interessado na morte de Pechkov. Yagoda colocou-me a arma na mão. Matei Máximo Pechkov sob instigação de Yagoda. Omiti que Yagoda, quando me propôs o assassinato de Pechkov, disse: “Piotr Petrovitch, posso, em muito pouco tempo, afastá-lo de Gorki, você está à minha mercê. A menor deslealdade para comigo terá para você as conseqüências mais desagradáveis.” Depois deste crime fui constrangido a cometer um mais horrível ainda: assassinar Gorki. Yagoda me propôs categoricamente fazer de tudo para arruinar a saúde de Gorki. Eu hesitava, tentava me desvencilhar. Yagoda me dizia que ele não hesitaria em me denunciar como assassino de Pechkov. Ele acrescentava sem ambigüidade que se eu pensasse em comprometê-lo, não resultaria em nada. “A investigação será feita por meus homens”, me fez notar Yagoda, e eu aceitei cometer este crime. Levine expôs hoje como fiz Gorki tomar frio. Éramos coniventes, ou seja, eu me aconselhava com Levine. Gorki passou

o inverno de 1935-1936 em Tesseli, na Criméia. Eu morava em Moscou, mas a cada três ou quatro semanas ia até a Criméia. Fazia Gorki dar longas caminhadas, acendia regularmente fogueiras no campo. Sua fumaça tinha, naturalmente, uma influência nefasta nos pulmões destruídos de Gorki. O inverno de 1935-1936, que Gorki passou na Criméia, não teve nenhum proveito. Ao contrário, ele voltou cansado para Moscou. Seu retorno foi organizado, ou melhor, tramado, por Yagoda, que, assim como na morte de Pechkov, queria que eu arranjasse as coisas com Gorki. Estando na Criméia, eu liguei para Yagoda, que me disse para apressar-me, que era preciso trazer Gorki a Moscou, apesar do tempo quente na Criméia, enquanto em Moscou fazia frio. Convenci Gorki a partir para Moscou. Ele aceitou e fez seus preparativos. Por volta de 26 de maio de 1936, Nadiejda Pechkova, a viúva de Máximo Pechkov, avisou por telefone que não deveríamos, sob hipótese alguma, retornar a Moscou, pois fazia frio, além do que suas filhas, as netas de Gorki, estavam em Moscou, com gripe e com febre alta. Após um ou dois dias telefonei a Yagoda, que me falou que as crianças estavam em perfeita saúde, haviam se restabelecido e que eu devia persuadir Gorki a partir. Falei com Gorki e dia 26 ou 27 nós partimos para Moscou. Dia 31, logo que chegou, Gorki encontrou-se com suas netas que, realmente, estavam gripadas e com febre alta. Em 31 de maio ele caiu doente. À noite fizeram vir o doutor Levine, que diagnosticou uma gripe leve, mas na manhã do dia 2 de junho Gorki me perguntou: “Que dizem os médicos?” Respondi: gripe. Ele replicou: “Acho que é uma pneumonia que começa, vejo pelas minhas secreções.” Telefonei então a Levine, que veio e confirmou o diagnóstico feito pelo próprio paciente. Foi então que começou o tratamento de mentira. Gorki era “tratado” pelo professor Pletnev e pelo doutor Levine. Eu observei o tratamento e devo dizer que o que teve um papel decisivo foi o digalen administrado a Gorki, do qual a Corte foi informada. Antes do 8 de junho de 1936 o pulso de Gorki estava muito irregular, chegando, acredito, a 130 pulsações por minuto, mas quando administrava-se o digalen a Gorki, seu pulso dava um salto brusco. Este foi o segundo crime horrível que cometi. Eu terminei.

Presidente –O Procurador tem perguntas a fazer?

Vychinski – Não.

Presidente – a Defesa tem perguntas?

Defensor Kommodov – Não.

Defensor Braude – Não.

Presidente – Os acusados têm alguma questão? (não) E os especialistas? (não)

A seção está encerrada. Retomamos em 9 de março, às 11 horas da manhã.

O Presidente (assinado) V. V. Ulrich, Presidente do Colégio Militar da Corte Suprema da URSS Jurista Militar do Exército

O Escrivão (assinado) A. A. Batner, Jurista Militar de 1º Grau